

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

A LÍNGUA MATERNA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NA
RESERVA INDÍGENA TE'YIKUE/MS

HELIODORO DE ALMEIDA

DOURADOS-MS
2024

HELIODORO DE ALMEIDA

**A LÍNGUA MATERNA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NA
RESERVA INDÍGENA TE'YIKUE/MS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras, Faculdade de Comunicação, Artes e Letras (FACALE) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Linguística e Transculturalidade

Linha de Pesquisa: Linguística Aplicada e Estudos de Fronteira

Orientador: Prof. Dr. Andérbio Márcio Silva Martins

DOURADOS-MS

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

A447l Almeida, Heliodoro De
A Língua Materna nos Anos Finais do Ensino Fundamental na Reserva Indígena Te'yikue/MS
[recurso eletrônico] / Heliodoro De Almeida. -- 2024.
Arquivo em formato pdf.

Orientador: Andérbio Márcio Silva Martins.
Dissertação (Mestrado em Letras)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2024.
Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:
<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Ensino da Língua Materna. 2. Povos Guarani e Kaiowá. 3. Reserva Indígena Te'yikue. I.
Martins, Andérbio Márcio Silva. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Heliodoro de Almeida

**A língua materna nos anos finais do Ensino Fundamental na Reserva
Indígena Te'ýikue/MS**

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Andérbio Márcio Silva Martins
(Orientador e Presidente da Banca)

Prof^a. Dr^a. Thayse Figueira Guimarães (PPGL/UFGD)
(Membro interno – titular)

Prof^a. Dr^a. Marta Coelho Castro Troquez (PPGE/UFGD)
(Membro externo – titular)

Prof. Dr. Adair Vieira Gonçalves (PPGL/UFGD)
(Membro interno – suplente)

Prof. Dr. Cássio Knapp (PPGET/UFGD)
(Membro externo – suplente)

À minha família, ao meu povo Kaiowá e
Guarani, em especial à minha comunidade da
Reserva Indígena Te'ýikue e aos professores
da Escola da Reserva que acreditam na
Educação Escolar Indígena.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me dado saúde durante a minha trajetória, por me dar sabedoria para enfrentar as dificuldades e por me dar forças para superar todas as barreiras.

À professora Denise Silva por me incentivar a ingressar como aluno especial e por acreditar na minha capacidade de ser um bom pesquisador.

Ao meu orientador, professor Andérbio Márcio Silva Martins, por ter tido paciência e me acolhido muito bem durante a etapa dos meus estudos, por ter me ajudado muito a cumprir essa etapa tão importante, orientando com seriedade e acreditando na minha potencialidade.

Ao prefeito André Nezzi, por ter me liberado do meu trabalho para ingressar na Pós-Graduação e realizar o mestrado em Letras.

À Secretária Municipal de Educação Ieda Maria Marram pelo apoio e incentivo para realizar o tão sonhado ingresso na pós-graduação.

À minha mãe Eloíde e meu pai Aurelio por me ajudar financeiramente durante as minhas idas e vindas para a Universidade Federal da Grande Dourados durante as etapas presenciais de aula.

Agradeço imensamente à minha irmã por ter me ajudado a comprar um notebook para poder fazer a minha dissertação sem maior preocupação.

Ao meu sobrinho por me fazer companhia durante as idas e vindas nas etapas presenciais de aula.

Às minhas amigas Elizangela e Sílvia, da cidade de Sete Quedas/MS, pela parceria no embarque e nas idas até a Universidade durante as etapas presenciais de aula, dividindo despesas de pedágio.

Ao diretor Lidio por ter permitido a realização da pesquisa de campo na escola Ñandejára Pólo.

À professora Elizabete Benites Vilhalva, ao professor Vanildo Vera, à professora Romilda Martins e ao professor Jaquielison da Silva, por terem autorizado a fazer observações de suas aulas e pelas entrevistas dadas, agradeço imensamente.

Aos estudantes da Escola Ñandejára Pólo pelas entrevistas dadas, pela confiança e respeito e por contribuírem com a realização da pesquisa.

Agradeço imensamente à minha amiga Lorraine, apenas Deus irá retribuir por ter confiado na minha pessoa e ter deixado seu notebook comigo, a sua ferramenta de trabalho, para eu escrever a minha dissertação.

Um agradecimento especial às professoras Marta Troquez e Thayse Guimarães por terem aceitado fazer parte da banca de qualificação e de defesa, contribuindo com valiosas observações acerca das ideias contidas nesta dissertação.

Por fim, à Faculdade de Comunicação, Artes e Letras (FALE), ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), aos docentes da área de concentração de Linguística e Transculturalidade, em especial às professoras Denise Silva e Thaís Figueira Guimarães e aos professores Marcelo Saporaz, Marcos Lúcio e Adair Vieira por contribuírem com a aquisição de novos e valiosos conhecimentos.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I	17
1.1 A Reserva Indígena Te'ýikue	16
1.2 A Educação Escolar Indígena na Reserva Indígena Te'ýikue	20
1.3 A Língua Materna no Contexto da Reserva Indígena Te'ýikue.....	37
1.4 A Língua Materna no Contexto Escolar.....	38
 CAPÍTULO II.....	 41
2.1 O Ensino da Língua Indígena de acordo com o RCNEI.....	41
2.2 O Ensino da Língua de Acordo com a Legislação Municipal de Caarapó....	44
2.3 O Ensino de Língua Materna de acordo com o Projeto Político Pedagógico da Escola Nãdejára Pólo.....	44
 CAPÍTULO III.....	 48
3.1 O planejamento de Ensino da Língua Materna conforme os Registros dos professores nos diários.....	48
3.2 Observação de aulas de Ensino de Língua Materna em cada ano.....	78
3.3 Entrevista com os professores.....	81
3.4 Entrevista com os alunos.....	83
Considerações Finais.....	88
Referências.....	91

A LÍNGUA MATERNA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NA RESERVA INDÍGENA TE'YIKUE/MS

RESUMO – O principal objetivo desta pesquisa é realizar uma descrição de como vem se dando o ensino de língua materna nos anos finais do Ensino Fundamental em uma escola indígena da Reserva Te'yikue, localizada no município de Caarapó-MS. Trata-se de um estudo etnográfico em ambiente escolar. Para traçar um panorama da realidade do ensino foram considerados a programação curricular de ensino, em termos de conteúdos e a sua serialização; a forma como o ensino acontece, tendo em vista o papel do docente no processo de ensino-aprendizagem; o estudo reflexivo da realidade sociolinguística da área pesquisada e o impacto dessa realidade no ensino; e como se dá a reflexão linguística em torno de fenômenos que dizem respeito à forma de funcionamento da língua. Os procedimentos metodológicos adotados para a realização da pesquisa foram leitura, análise e interpretação do Projeto Político Pedagógico da escola; diário de campo, entrevistas com estudantes, professores; análise do Diário de Classe dos docentes registrados no sistema e-cidade; e acompanhamento de docentes indígenas realizando estudo nas horas atividades coletivas e nas horas atividades conforme a organização dos horários e calendário escolar para poder compreender as práticas de ensino e seus desenvolvimentos metodológicos. Com este estudo buscou-se ter uma visão do ensino da língua materna, o que auxiliará nas discussões sobre o avanço da qualidade da Educação Escolar Indígena na realidade pesquisada.

Palavras-chave: Ensino de língua materna, Povos Guarani e kaiowá, Reserva Indígena Te'yikue

LA LENGUA MATERNA EN LOS ULTIMOS AÑOS DE LA ESCUELA PRIMARIA EN LA RESERVA INDÍGENA TE'YIKUE/MS

Resumen – El principal objetivo de esta investigación es realizar una descripción de como se viene dando la enseñanza de la lengua materna em los últimos años de la Enseñanza Básica en una escuela indígena de la Reserva Te'yikue, ubicada en el municipio de Caarapo-MS. Se trata de um estudio etnográfico en un ambiente escolar. Para trazar un panorama de la realidad de la enseñanza, se consideró la programación del currículo docente, en cuanto a los contenidos y su serialización; la forma en que ocurre la enseñanza, considerando el papel del docente en el proceso de enseñanza-aprendizaje; el estudio reflexivo de la realidad sociolingüística del área investigada y el impacto de esta realidad y como se produce la reflexión lingüística en torno a los fenómenos que conciernen al funcionamiento del lenguaje. Los procedimientos metodológicos adoptados para la realización fueran: lectura, análisis e interpretación del Proyecto Político Pedagógico de la escuela; Diario de campo, entrevistas con estudiantes, profesores; análisis del Diario de Clase registrado en el sistema e-cidade; y acompañamiento de profesores indígenas realizando estudios en las horas actividades colectivas y actividades de acuerdo a la organización de horarios y calendario escolar con el fin de comprender las prácticas docentes y su desarrollo metodológico. Con este estudio, buscamos tener un panorama de la enseñanza de la lengua materna, que ayude en las discusiones sobre el avance de la calidad de la Educación Escolar Indígena en la realidad investigada.

Palabras claves: Enseñanza de la lengua materna, Pueblos Guaraní y Kaiowá, Resguardo Indígena Te'yikue

ÑE'Ë RO'Y JOAPY MBO'EPY TEKoha TE'YIKUE/MS PEGUA

MOMBYKY - Ko tembiapo ha'e hína ojejapo, ojehaita mba'éicha itepa ojehe ñembo'epy ñe'ë guarani kaiowá mbo'epy kuéra *anos finais do ensino fundamental* mbo'eróy tekoha Te'yikuepe, ha'e opytava município de Caarapó-MSpe. Ojejapóva hína peteĩ arandu jeporeka mbo'eróy rupive. Ko jeporeka rupive ikatu ojehe kóa ñeporandu: mbo'epy ñe'ë rehegua oñembo'epa *projeto político pedagógico* oimehaicha? Upe ñe'ë ñeporandu jejapopy akuére hína heta ñeporandu ojejúta mba'éicha itepa oñembo'e: mba'éicha itepa ojehe ñembo'epy *currículo* pe tembiapo ñemba'aporã mbo'epype; mba'éicha itepa mbo'ehára ombo'e mbo'epy kuérape ha mba'éicha ijehu; arandu jehesa mondo *sociolinguística* jeporeka pyre ha mba'épa ojehe ñe'ë rehegua; ha mba'éicha itepa ojehe jehesa mondo *linguística* rehegua ha mba'éicha ojehe ñe'ë rehegua. Mba'éicha itepa ojejapóta ojehe haguã tembiapo jeporeka ha'e hína; ñemoñe'erã, ojehecha ha ojehesa mondo *Projeto Político Pedagógico* mbo'e róy pe guare; oiporu ave kuationa jeháipyre, ñeporandu mbo'epy kuéra pe ha mbo'ehára kuérape; ojehecha ave Diário de classes oñemba'apopyre sistema *e-cidade* pe; ha jeporeka hara oimeta ave mbo'ehára ypyre ojejapo jave *estudo* oñondivepa ha avei ojapo jave iñarandurã *calendário escolar* oíháichaite, ikatu haguãicha oikuaa mbo'epy rehegua ha tembiapo pyrã rehegua. Ko tembiapo rupive ikatu ojegueru mbo'epy ñe'ë rehegua oipytyvõ ñemongetaguasu ojeheko mbo'e porãve haguã *Educação Escolar Indígena* jeporekapyre rehegua.

Ñe'ë yta kuéra: Mbo'epy ñe'ë rehegua, Povos Guarani e kaiowá, tekoha Te'yikue rehegua

LISTAS DE ABREVIATURAS

AEE – Atendimento Educacional Especializado

CEB – Conselho Nacional de Educação

CEE – Conselho Estadual de Educação

CIMI – Conselho Indigenista Missionário

FACALE – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras

FETAC – Faculdade de Educação, Tecnologia e Administração de Caarapó

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

Km – Quilômetro

LDB – Leis Diretrizes e Bases

LDBEN – Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação e Cultura

MS – Mato Grosso do Sul

OIT – Organização Internacional do Trabalho

ONU – Organização das Nações Unidas

PPP – Projeto Político Pedagógico

RCNEI – Referencial Curricular Nacional da Educação Escolar Indígena

SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

SESAI – Secretaria Especial de Saúde Indígena

SPI – Serviço de Proteção aos Índio

UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados

UnB – Universidade de Brasília

LISTA DE QUADRO

QUADRO 1. Magistério – Ñandejára polo.....	23
QUADRO 2. Magistério – Extensão Mbokaja.....	31
QUADRO 3. Magistério – Extensão Loíde.....	32
QUADRO 4. Magistério – Extensão Saverá.....	34
QUADRO 5. Magistério – Extensão Guyra Roka.....	36
QUADRO 6. Conteúdo de Língua Materna 6º ano – 1º Bimestre.....	50
QUADRO 7. Conteúdo de Língua Materna 7º ano – 1º Bimestre.....	53
QUADRO 8. Conteúdo de Língua Materna 8º ano – 1º Bimestre.....	55
QUADRO 9. Conteúdo de Língua Materna 9º ano – 1º Bimestre.....	57
QUADRO 10. Conteúdo de Língua Materna 9º ano B – 1º Bimestre.....	60
QUADRO 11. Conteúdo de Língua Materna 6º ano – 2º Bimestre.....	64
QUADRO 12. Conteúdo de Língua Materna 7º ano – 2º Bimestre.....	68
QUADRO 13. Conteúdo de Língua Materna 8º ano – 2º Bimestre.....	70
QUADRO 14. Conteúdo de Língua Materna 9º ano – 2º Bimestre.....	72
QUADRO 15. Conteúdo de Língua Materna 9º ano B – 2º Bimestre.....	73
QUADRO 16. Conteúdo de Língua Materna 6º ano A, B, D – 3º Bimestre.....	73
QUADRO 17. Conteúdo de Língua Materna 6º ano C, E, F – 3º Bimestre	76
QUADRO 18. Conteúdo de Língua Materna 7º ano A, B, C, D, E – 3º Bimestre.....	78
QUADRO 19. Conteúdo de Língua Materna 8º ano A, B, C, D – 3º Bimestre.....	80
QUADRO 20. Conteúdo de Língua Materna 9º ano A, C, D, F – 3º Bimestre.....	82
QUADRO 21. Conteúdo de Língua Materna 9º ano B – 3º Bimestre.....	84
QUADRO 22. Conteúdo de Língua Materna 6º ano A, B, D – 4º Bimestre.....	87
QUADRO 23. Conteúdo de Língua Materna 6º ano C, E, F – 4º Bimestre.....	91
QUADRO 24. Conteúdo de Língua Materna 7º ano A, B, C, D, E – 4º Bimestre.....	92
QUADRO 25. Conteúdo de Língua Materna 8º ano A, B, C, D – 4º Bimestre.....	95
QUADRO 26. Conteúdo de Língua Materna 9º C, D, E – 4º Bimestre.....	96
QUADRO 27. Conteúdo de Língua Materna 9º B – 4º Bimestre.....	98

LISTA DE MAPAS

MAPA 1: Município de Caarapó.....	17
MAPA 2: Reserva Indígena Te'ýikue.....	18
MAPA 3: Reserva Indígena Te'ýikue Atual.....	18

INTRODUÇÃO

O ensino de língua materna em áreas indígenas é um grande avanço para a Educação Escolar Indígena desde a sua garantia na Constituição de 1988. Para os Guarani e Kaiowá, o ensino da língua exigiu uma formação específica de professores, o que resultou na criação do Magistério Indígena Ára Vera, no final da década de 1990, que forma professores das duas etnias para atuarem nos anos iniciais do Ensino Fundamental; e na criação da Licenciatura Intercultural Indígena – *Teko Arandu*, implantado em 2006 na Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, com quatro grandes áreas de habilitação: Linguagens, Ciências Humanas, Ciências da Natureza e Matemática.

Desde o final da década de 1990, houve uma crescente implantação de escolas indígenas em territórios Guarani e Kaiowá no cone sul de Mato Grosso do Sul. Na Reserva Indígena Te'ýikue, por exemplo, localizada no município de Caarapó/MS, há duas escolas: Escola Estadual Indígena Yvy Poty e Escola Municipal Indígena Ñandejára Pólo, esta última com quatro extensões ou salas: Sala Saverá, Sala Mbocajá, Sala Loide Bonfim Andrade e Sala Guyra Roká. A escola Yvy Poty é a responsável pela oferta do Ensino Médio, enquanto a Ñandejára Pólo é a responsável pelo Ensino Fundamental. O ganho disso é que os Guarani e Kaiowá da Reserva Te'ýikue já não precisam mais terminar seus estudos na escola da cidade, tendo a oportunidade de concluir o ensino fundamental e médio na própria área indígena.

Com escolas indígenas, com estudantes e professores indígenas, foi possível também construir um currículo próprio, no qual, para além das disciplinas presentes também em escolas de não indígenas, foram constituídas disciplinas específicas, conforme a realidade de cada povo. Entre os Guarani e Kaiowá, uma das disciplinas criadas é a de Língua Materna, genericamente chamada de Língua Guarani. Em Te'ýikue, as crianças são alfabetizadas inicialmente na sua própria língua, o que ocorre nos dois primeiros anos do ensino Fundamental com sete aulas semanais. Em seguida, é acrescentada a língua portuguesa a partir do terceiro ano,

prossequindo no quarto e no quinto ano, com redução da carga horária de ensino de língua materna para quatro aulas semanais no terceiro e no quarto ano e com duas horas semanais no quinto ano. Ou seja, com o passar do tempo, diminui-se a carga-horária de ensino de língua materna para apenas duas aulas semanais e se aumenta a de ensino de língua portuguesa para cinco aulas semanais, numa perspectiva bilíngue assimétrica de ensino, devido à necessidade de se dominar a língua do não indígena, de modo que, nos anos finais do Ensino Fundamental, o ensino de língua materna se restringe a uma disciplina com carga horária de 2 horas aulas semanais, prossequindo, assim, também no Ensino Médio.

Nesta pesquisa foi realizada uma descrição da realidade do ensino da língua materna nos anos finais do Ensino Fundamental, considerando: (a) a programação curricular de ensino, em termos de conteúdos e a sua serialização; (b) a forma como o ensino acontece, tendo em vista o papel do docente no processo de ensino-aprendizagem; (c) o estudo reflexivo da realidade sociolinguística da área pesquisada e o impacto dessa realidade no ensino; e (d) como se dá a reflexão linguística em torno de fenômenos que dizem respeito à forma de funcionamento da língua.

Uma preocupação inicial da pesquisa é de que o ensino de língua materna talvez não estivesse contribuindo com a discussão sobre funcionamento, variação e mudança linguística, privilegiando práticas orais e escritas sem reflexões acerca da realidade linguística, resultante do contato entre os próprios Guarani e Kaiowá, e entre estes e falantes de Guarani Paraguaio, e sob a influência cada vez mais forte da língua portuguesa na fala de crianças, adolescentes, jovens e adultos no uso cotidiano da língua materna. Busca-se, nesse sentido, verificar se o ensino da língua materna tem cumprido com os objetivos estabelecidos no Projeto Político Pedagógico da Escola, o qual propõe um trabalho de valorização, fortalecimento e conhecimento da língua materna.

Diante disso, o principal objetivo da pesquisa é traçar um panorama acerca do ensino de língua materna no contexto atual. Toma-se como lugar de pesquisa a escola Ñandejára Pólo da Reserva Tey'ikue, localizada na Rodovia MS 280, Km 15, no município de Caarapó-MS. A Reserva apresenta

uma área de 3.594 ha, na qual vivem cerca de 1.063 famílias, totalizando 5.334 habitantes das etnias Kaiowá e Guarani, conforme dados da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI, 2023). A escola municipal de Te'yikue é considerada a maior em número de estudantes indígenas do município, são cerca de 1.400 estudantes Guarani e Kaiowá, do pré-escolar ao 9º ano. De acordo com o Sistema EDUCAR (2023), 26 professores indígenas atuam nos anos iniciais e, nos anos finais, são 16 professores indígenas.

O local foi escolhido por se tratar da região em que vivo, sendo também conhecedor da realidade educacional, uma vez que fui aluno da escola e atualmente me encontro na qualidade de professor.

Espera-se, com este estudo, promover uma reflexão sobre o ensino da língua materna em Te'yikue, no sentido de buscar meios para que o espaço escolar seja, cada vez mais, bem aproveitado para a política de valorização e fortalecimento da língua, para uma compreensão da realidade sociolinguística da área e do funcionamento da língua, considerando suas variações e a coexistência de línguas irmãs no mesmo ambiente (Guarani e Kaiowá).

Para o aprimoramento do ensino de língua materna em área indígena, é necessário que compreendamos os avanços ao longo do tempo e os desafios do presente. Sabemos que avançamos quando pudemos alfabetizar as crianças indígenas na própria língua nos primeiros anos iniciais do Ensino Fundamental. Consideramos ainda um avanço ter a disciplina de língua materna no currículo dos anos finais do Ensino Fundamental. Entretanto, é muito importante termos condições de aproveitar melhor o tempo da disciplina para ampliar o conhecimento dos estudantes acerca de sua própria língua, da sua manutenção numa realidade multilíngue, além do desenvolvimento de competências e habilidades comunicativas na oralidade e na escrita. Para isso, se faz necessário descrever realidades do ensino da língua, considerando o que tem sido ensinado, como tem sido ensinado e quais referências os docentes possuem para construir o currículo escolar, fazer o planejamento de ensino e ministrar os conteúdos.

O recorte dos anos finais do ensino fundamental se justifica por descrever uma realidade ainda não descrita, basicamente não há trabalhos que buscam reflexão sobre o ensino de línguas indígenas nos anos finais do

ensino fundamental. Pois todas as pesquisas até este tempo são acerca de o ensino de língua nos anos iniciais, apenas contemplando a alfabetização em língua materna. Por ser uma proposta de um novo currículo, até o presente momento ainda não havia sido realizada uma análise, sobretudo entre o Kaiowá e Guaraní do Sul de Mato Grosso do Sul.

Sabe-se que Te'ýikue não é uma área exclusivamente Kaiowá, havendo a presença de Guaraní Ñandéva. Da relação entre Guaraní e Kaiowá, surgem os Guaraní/Kaiowá. Para além da presença da língua Guaraní e da língua Kaiowá na área, há também o Guaraní Paraguaio por meio de pessoas que vieram viver em Te'ýikue. Há ainda a língua portuguesa, sobretudo por meio da escola e dos meios de comunicação, além do contato cada vez mais contínuo com a população da cidade de Caarapó. Diante desse contexto linguístico complexo, uma pergunta que norteou esta pesquisa é como o ensino de língua materna se dá?

Os procedimentos metodológicos utilizados para a realização da pesquisa foram: leitura e análise do Projeto Político Pedagógico da escola; diário de campo, entrevistas com estudantes e professores, coletando dados qualitativos sobre as práticas pedagógicas; leitura e análise dos Diários de classe registrado no sistema e-cidade; acompanhamento de docentes indígenas realizando estudo nas horas atividades coletivas e nas horas atividades, conforme a organização dos horários e calendário escolar, a fim de poder compreender as práticas de ensino e seus desenvolvimentos metodológicos.

Por meio do conhecimento adquirido como pesquisador indígena, pretendo ajudar os docentes que lecionam a língua materna na minha comunidade e, como coordenador escolar, contribuir com a formação de professores indígenas.

A presente dissertação está organizada da seguinte forma: no capítulo I, procuro fazer uma descrição da Reserva Indígena Te'ýikue, da Educação Escolar Indígena na Reserva e do uso da língua materna no contexto da Reserva e no contexto escolar. Apresento, no capítulo II, o ensino da língua indígena, de acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Escolar Indígena (RCNEI, 1998); o ensino da língua materna, de acordo com

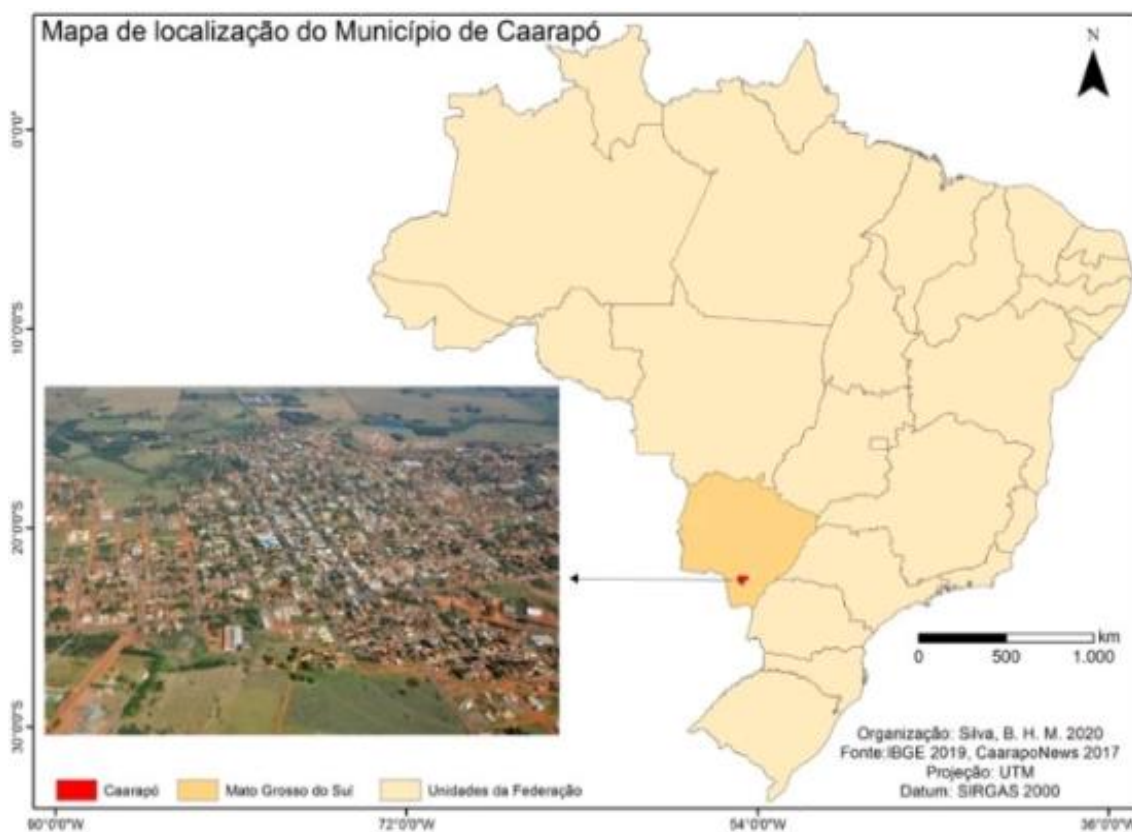
a Legislação Municipal de Caarapó e com o Projeto Político Pedagógico da Escola Ñandejára-Polo. No capítulo III, é apresentado e discutido o Planejamento de Ensino da Língua Materna, conforme os registros dos professores nos diários, bem como a descrição da observação de ensino de língua materna de cada ano do Ensino Fundamental II, além das entrevistas com os professores e com os estudantes indígenas. Em seguida, apresento as considerações finais e as referências bibliográficas utilizadas.

CAPÍTULO I

1.1 A Reserva Indígena Te'yikue

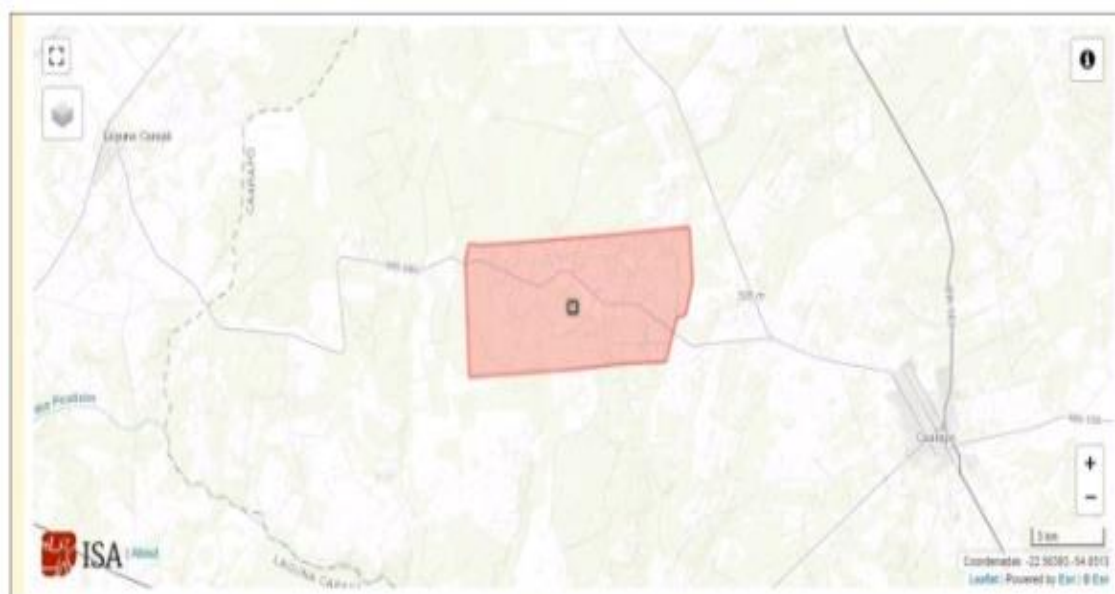
A Reserva Indígena Te'yikue se localiza no município de Caarapó no Estado de Mato Grosso do Sul, Brasil com área de 3.594 Hectares e com população aproximadamente de 4.721 pessoas, segundo dados do Posto de Saúde Zacarias Marques (2018). É uma das reservas demarcadas em 1924 pelo Serviço de Proteção ao Índios (SPI) e que abriga indígenas das etnias Kaiowá e Guaraní (Ramires, 2016).

Mapa 1: Município de Caarapó



Fonte: <http://geotip.ibge.gov.br/cartas-e-mapas/bases-continuas/bc250/versao2019>. Acesso em: 24 de abril de 2023.

Mapa 2: Reserva Indígena Te'yikue



Fonte: <https://terrasindigenas.org.br/em/terras-indigenas/3627#direitos>. Acesso em: 24 de abril de 2023.

Mapa 3: Reserva Indígena Te'yikue Atual



Fonte: Smariotto, Ramires e Skowronski (2009)

Conforme Ramires (2016) a comunidade indígena passou por várias mudanças relacionadas à organização sociopolítica, causando uma desestruturação da rede macro familiar. O autor ressalta que a atual Reserva Indígena Te'ýikue foi território tradicional ocupado pelos kaiowá. Dessa forma, por ser o antigo território de kaiowá recebe-se o nome de Te'ýi, que significa (pessoa indígena) e kue (coletivo), ou seja, coletivo de indígenas, ou simplesmente, indígenas.

A Reserva Te'ýikue era coberta por vegetação e existiam muitos animais de caça, variedades de frutas nativas, plantas que serviam de remédios tradicionais, matérias primas, muitas nascentes de água, córregos cheios de peixes e as principais fontes de alimentos era a caça e a pesca. A comida tradicional típica da comunidade indígena era a bebida feita a partir do milho (*chicha*), polenta (*mbaipy*), bolo assado na cinza quente (*chipa*) e bolinho cozido (*vorivori*). Os meninos eram bem-preparados para ser um bom chefe de família e para ser um bom caçador (Ramires, 2016).

A comunidade possuía recursos naturais suficientes para sobreviver e para cultivar e colher. Isso possibilitava às famílias reconstruírem o que deixou no seu *tekoha* (lugar de viver/aldeia). Com a redução de seus territórios tradicionais, houve bastante diminuição de recursos naturais, o que abrigou os indígenas a ter relação mais próxima com a sociedade não-indígena. Por isso viveram uma grande transformação da realidade, surgindo muitas famílias nessa nova realidade (Ramires, 2016).

Diante de tudo isso, atualmente temos gerações que apenas estão vivendo somente a vida na Reserva, sem saber o que era a vida antes da redução do território, dificultando para a reconstrução da sustentabilidade e do protagonismo na perspectiva de ser Kaiowá e Guaraní. Na atualidade, a fonte de renda da respectiva comunidade é o trabalho em fazendas, usinas e em outros espaços. Devido a isso houve também alterações na cultura alimentar (Ramires, 2016).

1.2 A Educação Escolar Indígena na Reserva Indígena Te'ýikue

A Educação Escolar Indígena na Reserva Indígena Te'ýikue teve início em 1962, e era coordenada pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Tinha como objetivo alfabetizar em português, com isso poderia estar ajudando os adultos a se relacionar com a sociedade não-indígena. O professor era o chefe de Posto ou a sua Esposa.

A primeira escola da Reserva foi construída pela Missão Evangélica Caiuá, no ano de 1967. A escola se chamava José Bonifácio e ficava próxima à fazenda Joá. Vale ressaltar que o SPI e a Missão Evangélica Caiuá seguiram conjuntamente no processo de escolarização dos Kaiowá e Guarani da região (PPP, 2018, p.10)

Diante do enfraquecimento e da extinção do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) em 1967, e com a criação no mesmo ano da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), a educação passou a ser de responsabilidade dessa nova instituição, que deixou o interesse pela alfabetização dos adultos e começou a se interessar pela alfabetização das crianças e dos adolescentes. Com isso os pais passaram a acreditar que seus filhos teriam um bom conhecimento, deixando seus filhos nas mãos da escola (PPP, 2008, p.10).

Entretanto, o conteúdo não atendia a realidade do aluno. A língua materna e a cultura do estudante eram menosprezadas, pois o professor ensinava língua portuguesa, matemática e a história do Brasil como se encontra nos livros didáticos, mas poucos alunos tinham interesse em participar. Algum tempo depois a Educação Escolar Indígena começou a funcionar no ano de 1970 pela prefeitura, por meio do departamento de educação. E a Fundação Nacional do Índio apenas passou a acompanhar o trabalho da escola (PPP, 2018, p.10)

Na ocasião, quem lecionava naquela época era a esposa do Chefe da FUNAI e professores que vinham da cidade. Isso fez com que dificultasse o aprendizado do aluno indígena falante de língua Kaiowá e Guarani, porque o professor explicava na língua portuguesa e a dificuldade de se comunicar era impossível entre aluno indígena e professor. Devido a isso, havia muita reprovação e, pela influência de professores não indígenas, os alunos não

valorizavam a sua cultura e a sua própria identidade, o que demonstrava o despreparo dos professores para trabalhar na aldeia. Até mesmo os pais não aceitavam que seus filhos falassem a sua língua materna Kaiowá ou Guarani para não sofrer preconceito e, assim, evitariam o sofrimento na vida adulta (PPP, 2018, p. 11).

Com isso, em 1992, o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) deu início a uma proposta de educação diferenciada, capacitando os professores para trabalhar em espaços e horários alternativos com estudantes entre 08 e 13 anos de idade, oferecendo uma educação bilíngue e intercultural às famílias e era livre a participação das crianças (PPP, 2018, p. 11). O projeto não teve apoio dos órgãos governamentais e, tão pouco, apoio da comunidade indígena. Dessa maneira o projeto que pretendia ser desenvolvido com duração de quatro anos, apenas permaneceu vigente por dois anos. Mas mesmo encontrando dificuldades, a proposta do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) gerou frutos com o processo de implantação da Educação Escolar Indígena na aldeia a partir do ano de 1997.

Considerando a boa vontade política da administração, juntamente com a Secretária de Educação, Cultura e Esporte do Município de Caarapó, deu-se início um diálogo para construção de uma nova proposta de educação escolar indígena diferenciada, intercultural e bilíngue, assegurando os direitos constitucionais dos povos indígenas. A Secretaria de Educação, Cultura e Esportes, com apoio e assessoria da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), construiu uma educação escolar indígena, respeitando a legislação, juntamente com a participação da comunidade indígena (PPP, 2018, p.12).

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola Municipal Indígena Ñandejára Polo, a escola da Reserva Indígena Te'ýikue assumiu um papel fundamental de uma nova forma de identidade que direcione os professores indígenas, para que a escola se torne um espaço de diálogos de identidades com conhecimentos universais. E, com esse novo modelo, gestado pelas comunidades indígenas, também ocorreu a formação de professores indígenas, de uma forma contínua e gradativa. É o caso da criação do Projeto de Normal Médio implantado no final da década de 1990, *Ára Vera*, mantido pela Secretaria Estadual de Educação de MS, e a

implantação de Curso Superior Específico, Projeto *Teko Arandu* em 2006, mantido pela Universidade Federal de Grande Dourados (UFGD) para que os professores dessem a continuidade de sua formação.

Atualmente, em relação à formação de professores indígenas em nível médio, ensino superior e pós-graduação, conforme dados cedidos pelo diretor da Escola Nandejára Pólo e de suas extensões, consta o total de setenta professores indígenas e três não indígenas. Somente na Escola Nandejára temos trinta e quatro professores indígenas lecionando, dos anos iniciais aos anos finais do ensino fundamental, e quatro coordenadores pedagógicos, sendo dois com formação na área de Magistério Intercultural Indígena Ára Vera e Licenciatura Intercultural Indígena - *Teko Arandu*, com habilitação em Linguagens; uma mestre em educação e uma designado para o cargo de coordenador pedagógico com formação no Magistério Intercultural Indígena e Licenciatura Intercultural Indígena - *Teko Arandu*, com habilitação em Matemática.

Nos anos iniciais do ensino fundamental, são nove professores indígenas leigos¹, pois apenas possuem o ensino médio completo, outros possuem Magistério Indígena Ára Vera, outros possuem duas formações, como Ára Vera e *Teko Arandu*, com habilitação na área de Ciências da Natureza. Já os docentes que lecionam nos anos finais do ensino fundamental são dezoito no total, sendo 14 professores indígenas e quatro não indígenas. Estes últimos possuem Licenciatura em Matemática, Licenciatura em Letras, Habilitação Português/Espanhol, Licenciatura em Letras Inglês e Licenciatura em Educação Física, este atuando em escolinha de esporte. Os 14 professores indígenas são formados em suas áreas específicas: Linguagens, Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Matemática. Do total de 14, apenas um com Magistério Intercultural Indígena Ára Vera. Segue o quadro de Magistério da Escola Municipal Indígena Nandejára Pólo:

Quadro 1: Docentes indígenas da escola Nandejára Pólo

Atuação	Turma	Formação
Docente 1	Escolinha e Treinamento	Cursando Licenciatura

¹ Professores Indígenas Leigos são aqueles que não possuem diploma de nível superior licenciados a exercer a docência.

		Intercultural Indígena – Teko Arandu
Docente 2	Língua Portuguesa e Inglês 6º ao 9º ano	Graduado – Letras e Inglês
Docente 3	Unidade Experimental	Ensino Médio Completo
Docente 4	2º Ano B e Ciências de 6º ao 9º ano	Licenciatura Intercultural Indígena – Teko Arandu – Ciências da Natureza
Docente 5	6º ao 9º ano Ciências	Magistério Intercultural Indígena – Ára Vera e Licenciatura Intercultural Indígena – Teko Arandu – Ciências da Natureza
Docente 6	6º ao 9º Ano – Matemática	Licenciatura Intercultural Indígena – Teko Arandu – Matemática
Docente 7	2º Ano C	Ensino Médio Completo
Docente 8	6º ao 9º ano – Língua Portuguesa	Licenciatura Intercultural Indígena – Teko Arandu – Linguagens
Docente 9	Pré Escolar	Magistério Intercultural Indígena – Ára Vera – e Cursando Pedagogia – FETAC
Docente 10 - Designado para o Cargo de Coordenador Pedagógico		Magistério Intercultural Indígena – Ára Vera e Licenciatura Intercultural

		Indígena – Teko Arandu – Matemática
Docente 11 - Coordenador Pedagógico		Magistério Intercultural Indígena – Ára Vera e Licenciatura Intercultural Indígena – Teko Arandu – Linguagens
Docente 12	1º ano A	Magistério Intercultural Indígena – Ára Vera e Cursando Pedagogia – FETAC
Docente 13	Educação Física anos iniciais e finais	Ensino Médio Completo
Docente 14	História e Geografia 6º ao 9º ano	Licenciatura Intercultural Indígena – Ciências Humanas e Mestre em História
Docente 15	Aula de violão	Magistério Intercultural Indígena – Ára Vera e Licenciatura Intercultural Indígena – Teko Arandu – Ciências Humanas
Docente 16	Língua Materna Guarani 6º ao 9º ano	Magistério Intercultural Indígena – Ára Vera e Licenciatura Intercultural Indígena – Teko Arandu – Linguagens
Docente 17	Saberes Indígenas 6º ao 9º ano	Ensino Médio Completo

Docente 18 – Coordenador Pedagógico		Magistério Intercultural Indígena – Ára Vera e Licenciatura Intercultural Indígena – Teko Arandu – Linguagens
Docente 19	Matemática 6º ao 9º ano	Licenciatura Intercultural Indígena – Teko Arandu – Matemática
Docente 20	Geografia 6º ao 9º ano	Magistério Intercultural Indígena – Ára Vera e Licenciatura Intercultural Indígena – Teko Arandu – Ciências Humanas
Docente 21	5º Ano A	Licenciatura Intercultural Indígena – Teko Arandu – Ciências da Natureza
Docente 22	5º Ano B	Ensino Médio Completo
Docente 23	Substitutos de Linguagens anos iniciais	Ensino Médio Completo
Docente 24	4º Ano B e Geografia anos finais	Ensino Médio Completo
Docente 25	3º Ano B	Magistério Intercultural Indígena – Ára Vera
Docente 26	Reforço Escolar em Língua Portuguesa 6º ao 9º Ano	Licenciatura em Letras – Habilitação Português/ Espanhol
Docente 27	Educação Física anos finais	Licenciatura em Pedagogia

Docente 28 – Coordenadora Pedagógica		Mestre em Educação
Docente 29	História e Geografia 6º ao 9º ano	Licenciatura Intercultural Indígena – Teko Arandu – Ciências Humanas
Docente 30	3º Ano A	Ensino Médio Completo
Docente 31 – designado à função de diretor		Magistério Intercultural Indígena – Ára Vera e Licenciatura Intercultural Indígena – Teko Arandu – Matemática – Mestre em Educação
Docente 32	1º Ano B	Ensino Médio Completo
Docente 33	Escolinha e Treinamento	Licenciatura em Educação Física
Docente 34	3º Ano A	Ensino Médio Completo
Docente 35	Unidade Experimental	Magistério Intercultural Indígena – Ára Vera e Licenciatura Intercultural Indígena – Teko Arandu – Linguagens e Especialização em Educação Escolar Indígena e Territorialidade
Docente 36	Reforço Escolar anos iniciais	Magistério Intercultural Indígena – Ára Vera e Licenciatura Intercultural Indígena – Teko Arandu – Ciências da Natureza

Docente 37	Artes e Língua Materna anos iniciais	Licenciatura Intercultural Indígena – Teko Arandu – Linguagens
Docente 38	Reforço Escolar Matemática 6º ao 9º ano	Licenciatura Intercultural Indígena – Teko Arandu – Matemática e Especialização em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica
Docente 39	5º Ano A e Ciências 6º ao 9º ano	Magistério Intercultural Indígena – Ára Vera e Licenciatura Intercultural Indígena – Teko Arandu – Ciências da Natureza
Docente 40	Atendimento Educacional Especializado	Magistério Intercultural Indígena – Ára Vera
Docente 41	Língua Portuguesa e Língua Materna Guarani anos finais	Magistério Intercultural Indígena – Ára Vera
Docente 42	Matemática Anos Finais	Licenciatura Plena em Matemática
Docente 43 – designada à função de diretora adjunta		Licenciatura em Letras e Especialização Gestão Escolar
Docente 44	Língua Portuguesa 6º ao 9º ano	Licenciatura Intercultural Indígena – Teko Arandu – Linguagens e Licenciatura em Pedagogia

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Na escola extensão Mbokaja são ofertadas apenas os anos iniciais do Ensino Fundamental e cinco professores possuem apenas o Ensino Médio completo e um tem formação em Magistério Intercultural Ára Vera e em Licenciatura Teko Arandu, com habilitação em Ciências Humanas. Seguem os dados no quadro 2:

Quadro 2: Docentes indígenas da Extensão Mbokaja

Função	Turma	Formação
Docente 1	5º Ano A e Matemática de 6º ao 9º ano	Magistério Intercultural Indígena – Ára Vera e Licenciatura Intercultural Indígena – Teko Arandu – Ciências da Natureza
Docente 2	4º Ano A	Ensino Médio Completo
Docente 3	2º Ano A	Ensino Médio Completo
Docente 4	1º Ano A	Ensino Médio Completo
Docente 5 – designado à função de Coordenador Pedagógico	Anos Iniciais	Magistério Intercultural Indígena – Ára Vera – Licenciatura Intercultural Indígena – Linguagens – Teko Arandu
Docente 5	3º Ano A	Ensino Médio Completo
Docente 6	Pré – Escolar	Ensino Médio Completo

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Na Extensão Loide Bonfim há sete professores indígenas com formação no Magistério Intercultural Indígena Ára Vera. Dentre eles, três possuem formação na Licenciatura Indígena Teko Arandu e dois se encontram em formação. Além desses docentes, há dois que possuem apenas o Ensino Médio completo, considerado professores leigos pela legislação. Seguem os dados no quadro 3:

Quadro 3: Docentes indígenas da Extensão Loide

Função	Turma	Formação
Docente 1	2ºAno A	Magistério Intercultural Indígena – Ára Vera
Docente 2	5ºAno C e Ciências 6º ao 9º ano	Magistério Intercultural Indígena – Ára Vera e Licenciatura Intercultural Indígena - Teko Arandu – Ciências da Natureza
Docente 3	Educação Física anos iniciais	Magistério Intercultural Indígena – Ára Vera – Cursando Licenciatura Intercultural Indígena – Teko Arandu
Docente 4	3ºAno A	Magistério Intercultural Indígena – Ára Vera
Docente 5	1º Ano A	Ensino Médio Completo
Docente 6 – designada para o cargo de Coordenadora Pedagógica		Magistério Intercultural Indígena - Ára Vera e Licenciatura Intercultural Indígena – Teko Arandu – Linguagens
Docente 7	Reforço Escolar anos iniciais	Magistério Intercultural Indígena – Ára Vera e Licenciatura Intercultural Indígena – Teko Arandu – Linguagens – Mestre em Linguística - UnB

Docente 8	Pré Escolar	Ensino Médio Completo
Docente 9	4º Ano A	Magistério Intercultural Indígena Ára Vera e Cursando Licenciatura Indígena – Teko Arandu

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Na Extensão Saverá há seis docentes indígenas, dois deles com ensino médio completo, lecionando como professor leigo; três possuem formação em Magistério Intercultural Ára Vera, Magistério intercultural/ Licenciatura em Pedagogia e uma professora readaptada para apoio escolar, com Magistério Intercultural e Licenciatura Teko Arandu – habilitação em Linguagens. Seguem os dados no quadro 4:

Quadro 4: Docentes indígenas da Extensão Saverá

Função	Turma	Áreas de Habilitação
Docente1 – Readaptada para o apoio escolar		Magistério Intercultural Indígena – Ára Vera e Licenciatura Intercultural Indígenas – Linguagens – teko Arandu
Docente 2	3º ano A	Ensino Médio Completo
Docente 3	4º ano A e Educação Física	Magistério Intercultural Indígena Ára Vera e Licenciatura em Pedagogia
Docente 4	Pré – escolar	Ensino médio completo
Docente 5	2º Ano A e Educação Física	Magistério Intercultural Indígena – Ára Vera
Docente 6	1º Ano A e Reforço Escolar	Magistério Intercultural Indígena – Ára Vera

Docente 7 – Coordenador Pedagógico		Magistério Intercultural Indígena – Ára Vera e Licenciatura Intercultural Indígena – Teko Arandu – Ciências Humanas
Docente 8	5º Ano e Reforço Escolar	Magistério Intercultural Indígena – Ára Vera

Fonte: adaptado pelo próprio autor

Na Extensão Guyra Roka há três professores com ensino médio completo, considerados professores leigos. Seguem os dados no quadro 5:

Quadro 5: Docentes indígenas na Extensão Guyra Roka

Atuação	Turma	Formação
Docente 1	3º, 4º, 5º Ano	Ensino Médio Completo
Docente 2	Artes, Saberes Indígenas, Pré Escolar ao 5º Ano	Ensino Médio Completo
Docente 3	Pré Escolar e 1º Ano	Ensino Médio Completo

Fonte: elaborado pelo próprio autor

Em termos de pós-graduação, trabalhando na Educação Escolar Indígena dentro da Reserva Indígena Te'yikue, temos cinco mestres em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), uma mestra em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB), um mestre em História pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), um doutorando em História pela UFGD e dois mestrandos, também na UFGD, um na área de Letras (autor desta dissertação) e outro em Geografia.

1.3 A língua materna no contexto da Reserva Indígena Te'ýikue

Na Reserva Te'ýikue, a maioria ainda fala a língua indígena, desde as crianças, jovens e adultos. Sem sombra de dúvidas, trata-se da língua cuja maioria domina melhor. Contudo, ainda não foi realizado um estudo sociolinguístico criterioso para saber quais são os falantes de Kaiowá e quais são os falantes de Guaraní Ñandéva. Até então, tem-se apenas compreendido que Kaiowá e Guaraní são duas etnias, mas não tem se assumido, na prática, que cada uma dessas etnias fala línguas distintas, justamente por serem extremamente semelhantes entre si. Devido, justamente, às semelhanças e ao fato de habitarem no mesmo território desde a criação da Reserva, as diferenças linguísticas são postas de lado, muitas vezes, em favor de uma comunicação eficiente, ou seja, ajustes comunicativos são feitos continuamente.

Por outro lado, para Meliá (2004), a língua só se conserva se for falada no cotidiano familiar. Considerando essa afirmação, sabe-se que famílias Kaiowá mais conservadoras buscam manter a sua língua no ambiente familiar, aprendendo e sofrendo ajustes comunicativos no contato com Guaraní e com falantes de Guaraní Paraguaio em outros ambientes de interação. Mas, tanto o Kaiowá quanto o Guaraní Ñandéva são línguas valorizadas pelos indivíduos no seu ambiente familiar, desde cumprimentar, pedir informações, nas suas brincadeiras do dia a dia, na contação de histórias entre os mais velhos, entre seus parentes e seus colegas da aldeia, valorizando as diferentes formas de expressão. Também usam a sua própria língua ao ir aos postos de saúde, em comunicação com os agentes de saúde, e em reuniões escolares.

Diante disso a escola da aldeia se preocupa em ensinar aos alunos a respeito da pluralidade cultural e linguística presente na comunidade, pois a nossa língua expressa os nossos pensamentos, porém aprendemos outra língua para comunicação, que é a língua portuguesa. Portanto, na Reserva Indígena Te'ýikue somos bilíngues, mas o português falado pelos indígenas tem suas próprias particularidades, embora não tenha sido ainda alvo de pesquisas linguísticas sistemáticas.

O domínio do português é útil para interagir com os não indígenas, ampliar os conhecimentos, além de ser um recurso importante para defender nossos direitos e para sermos respeitados como cidadãos. O domínio de língua portuguesa por nós, indígenas, torna-nos independentes, para ter autonomia de lutar pelos próprios direitos, acompanhar processos, enfim, se firmar como cidadãos nas questões políticas, sociais, econômicas e jurídicas.

1.4 A língua materna no contexto escolar

Para se entender melhor a língua materna no ambiente escolar da Reserva Indígena Te'ýikue, é importante compreender o contexto de formação da Reserva, considerando a chegada dos primeiros moradores. Segundo os mais velhos, as áreas em que os moradores se agrupavam começaram a receber nomes com referências para a localização interna, resultando em regiões mais ou menos delimitadas (Ramires, Smaniotto & Skowronski, 2009, p. 19-20). As regiões são:

- Sãka Pytã (Voçoroca Vermelha) por ter uma enorme voçoroca;
- Yvyku'i veve/Mbokaja (areia que voa), pois havia uma nascente na região em cuja cabeceira havia uma mina d'água que jogava areia para cima quase meio metro;
- Jaicha Syry (Corrégo de paca), já que nesta região da aldeia havia muita paca, e toda vez que as pessoas iam caçar as pacas saíam da toca e caíam direto no córrego;
- Jakaira (Dono do milho), pois antigamente, quando a comunidade guarani e kaiowá morava em família extensa, nessa região morava uma família que tinha uma grande casa de reza onde todos os anos fazia a cerimônia do milho branco "jerosy", batismo do milho;
- Yryvu kua (Buraco do urubu), pois muito tempo atrás todos os anos um urubu fazia o seu ninho no mesmo buraco em um tronco de uma árvore;

- Mbopi y (Corrégo de Morcego), pois contam que antigamente tinha um buraco enorme nessa região onde viviam muitos morcegos e, certo dia, caiu um raio e matou quase todos os morcegos e fez brotar uma nascente de água;
- Ñu mbuku (Campo Extenso), já que no início da ocupação da Reserva a comunidade encontrou no centro da aldeia um espaço aberto, ou seja, vegetação mais baixa, que é o campo;
- Kuchui ygua (Bebedouro dos pássaros), pois, quando a aldeia era coberta de mata, numa nascente os pássaros (papagaios, periquitos, araras, entre outros) desciam para beber;
- Kanguery (Corrégo dos ossos), pois contam que os antigos feiticeiros usavam o córrego dessa região para jogar ossos de pessoas que retiravam dos cemitérios para se protegerem de outros feiticeiros;
- Ju'i Rase (Choro de rã), pois havia uma pequena lagoa que, com a estiagem, veio a secar. Depois de muito tempo choveu tanto que a lagoa começou a encher novamente. De emoção as rãs choravam por muitos dias;
- Mbói Passo (Passo de Cobra), pois antigamente não havia rodovia, era apenas um corredor que cortava a mata da aldeia que ligava à Ponta Porã. Certo dia, várias cobras, umas sobre as outras, tomaram o caminho de um trecho do corredor, levando algum tempo para terminar de passar pelo corredor;
- Ñandu Potrero (Potrero de ema), já que há muito tempo havia um lugar em que as emas se reuniam para descansar, alimentar-se e dormir. O local era um campo aberto;
- Pahi, pois antes da construção da rodovia, no corredor que ligava Caarapó a Ponta Porã passava-se por um trecho de banhado e, assim, nesta região foram colocados troncos lado a lado, sucessivamente, até atravessar o banhado;
- Yvu (nascente de água), já que no início da ocupação desta região foram encontradas várias nascentes;

- Takuruvi (Pedra que amola), pois há muito tempo a região era cheia de pedra que a comunidade utilizava para amolar as ferramentas, tais como faca, facão e outras.

Em todas essas regiões ainda existem famílias que falam a língua Kaiowá entre seus familiares e seus vizinhos.

Com passar dos anos, de acordo com Benites (2021), a partir de 2013 já iniciavam as ocupações² de novas áreas, vistas como retomada dos antigos *tekoha*, diante de uma série de eventos específicos, como ocorreu em Pindo Roky (primeira área de ocupação), quando Denilson Barbosa, um jovem Kaiowá, foi assassinado. Pois a revolta contra esse assassinato foi tão grande que o enterro daquele menino foi feito dentro da fazenda, como protesto. Essa situação marca a comunidade como um novo tempo, o tempo das retomadas em Te'yíkue, pautando, de forma homogênea, diferentes famílias e comunidades.

Conforme Benites (2021), em junho de 2016 ocorreu a maior reocupação, totalizando nove áreas, desta vez diante de um assassinato de uma agente de saúde, Clodiode de Souza, no ataque realizado pelos fazendeiros, conhecido como o massacre da Te'yíkue. Depois de um grande conflito fundiário, os novos assentamentos ficaram definidos da seguinte maneira: Tekoha Pindo Roky (Broto das Palmeiras), Te'yijusu (Grande Povo), Ytagua (Morador das pedras), Kunumi Vera (menino resplandecente), Ñandéva (nós), Pa'i Tavyterã (descendentes de Pa'i Kuara), Guapo'y (árvore figueira), Ñamoi Guaviray (avô de caldo de guavira) e Jeroky Guasu (grande dança). Segundo Martins (2021), na retomada Te'yijusu e Ñandéva, ensinam-se as crianças a se sentirem orgulhosas por serem indígenas e, por conseguinte, valorizam sua religiosidade e identidade.

Atualmente acontecem uma mistura da língua Kaiowá com o Guaraní por conta do contato, porém existe a língua mais conservadora na periferia da aldeia, o que nos possibilita considerar ainda que o Guaraní e o Kaiowá sejam

² Conforme Benites (2021), o processo inicialmente se define de ocupação, pois no primeiro momento a comunidade indígena ocupa a área geograficamente, a qual historicamente, de fato, era dela. Após isso se considera área de retomada, que se configura com a permanência na área.

línguas diferentes. Contudo, por não ter um espaço para discussão, relacionada à diversidade e à variação linguística, a língua kaiowá sofre preconceitos. A própria escola, inclusive, trata apenas como língua Guarani. Não se coloca em evidência que o Guarani e o Kaiowá são línguas irmãs, geneticamente relacionadas e muito semelhantes entre si. Com isso, a língua materna no ambiente escolar é ensinada desde a educação infantil e nas demais etapas do ensino fundamental, mas é trabalhada somente como língua materna Guarani, para a qual se reconhece a existência de variações linguísticas e de variedades dialetais, mas não reconhece o Kaiowá como uma língua autônoma.

A escola da Reserva Indígena Te'yikue, com a sua nova prática pedagógica, trabalha com tema gerador, seguindo a metodologia de Paulo Freire. O tema gerador é definido pelos professores na semana pedagógica, após longo processo de construção coletiva. Sempre se parte do conhecimento tradicional para o conhecimento ocidental. A língua materna, nesse caso, é utilizada na transmissão do conhecimento através de histórias contadas na oralidade, envolvendo *ñe'ẽ* "língua", *teko* "modo de vida" e *tekoha* "lugar em que se vive". Com isso, são acionadas histórias da vida familiar, registros através de desenhos ou na própria oralidade, valorizando a realidade da criança, em seu cotidiano. É dessa forma que a língua materna se insere no contexto escolar para a educação infantil, dando valor ao conhecimento da criança, o que aprendeu com a sua família.

Para o ensino fundamental, a escola trabalha com a metodologia dos temas geradores, que são definidos pela equipe pedagógica, professores e direção. Ressalta-se que, desde a educação infantil até as demais etapas de ensino, é trabalhada como língua materna o Guarani, ou seja, como a primeira língua. Sempre motivando os estudantes a se tornarem pesquisadores, expressarem seus saberes e sua opinião. Destaca-se, contudo, que não há uma preocupação clara em tratar o Kaiowá e o Guarani como línguas distintas. O Guarani é visto como uma língua única, sendo falada por Guarani e por Kaiowá aos seus próprios modos, como se fossem dialetos de uma mesma língua.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da Escola, o currículo é definido e elaborado a partir de temas geradores ligados à realidade Guarani e Kaiowá e seus aspectos culturais tradicionais e atuais. Além disso, os componentes curriculares da escola indígena também são os da “Base Nacional Comum Curricular”. Sabe-se, contudo, que é necessário valorizar mais a língua materna para que os alunos usufruam dos direitos linguísticos que são assegurados como cidadãos brasileiros. E como disciplina, é necessário ensinar a língua guarani, dispensando a ela o mesmo grau de importância que é dispensado no ensino de língua portuguesa.

CAPÍTULO II

2.1 O ensino de línguas indígenas de acordo com a legislação

O ensino de línguas indígenas passa a ser, de fato, amparado a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988, que trata, pela primeira vez, os povos indígenas como cidadãos de direito e não apenas em relação aos territórios que tradicionalmente ocupam, mas também em manter as suas línguas e culturas. A partir da Constituição, uma série de dispositivos jurídicos são criados em prol da construção de uma Educação Escolar Indígena:

- a Portaria Interministerial nº 559/91 que estabelece as diretrizes da Educação Escolar Indígena, propondo a criação de núcleos de Educação Escolar indígena no âmbito nacional e regional;
- as Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar Indígena, MEC/SEF, em 1993, que estabelece práticas pedagógicas em contexto de diversidade cultural, bilinguismo, interculturalidade, especificidade e diferença;
- a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional – LDBEN, nº 9.394 de 20/12/1996, que nos artigos 78 e 79 das Disposições gerais afirma que a Educação Escolar Indígena para os povos indígenas deve ser intercultural e bilingue para a afirmação de suas identidades étnicas e recuperação de suas histórias, para valorização de suas línguas e ciências, bem como, possibilitar o acesso a informações e aos conhecimentos valorizados pela sociedade envolvente. Além de valorização de línguas, também prevê o acesso a ciências e às tecnologias sem ser da sociedade indígena;
- o Referencial Curricular Nacional para Escolas Indígenas (RCNEI, 1998), que serve de parâmetro para pensar a organização curricular da escola indígena, considerando os anos iniciais do Ensino Fundamental e a inserção da língua indígena e de conhecimentos indígenas no currículo;
- o parecer nº14/CEB/1999, do Conselho Nacional de Educação, e a Resolução nº 03/1999, que estabelecem as Diretrizes Nacionais da Educação Escolar Indígena e define formas de Organização e funcionamento das Escolas Indígenas; também propõe a criação da categoria de professores

indígenas, formação inicial e continuada de professores indígenas, flexibilização do currículo escolar com objetivo de respeitar as línguas indígenas, os processos próprios de aprendizagem e a inclusão cultural de cada sociedade indígena.

Além disso, destaca-se também o Plano Nacional de Educação, lei nº 10.172/2001 (capítulo 09); os Referenciais para a Formação de Professores Indígenas 2002; o Decreto nº 6.861 de 27 de maio de 2009, o qual dispõe sobre a Educação Escolar Indígena e define a sua organização em territórios etnoeducacionais; e a Resolução nº 5, de 22 de junho de 2012 (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica).

Segundo Souza (2013, 2015), tendo como base legal as legislações nacionais, no âmbito do Estado de Mato Grosso do Sul, na década de 2000, o governo Estadual aprovou as seguintes leis:

- o Decreto Estadual de nº 10.734/MS/2002, que cria a categoria de Escola Indígena no Âmbito do Sistema Estadual de Ensino; e
- a Deliberação do Conselho Estadual de Educação CEE/MS nº 6767/2002 que normatiza o Decreto e fixa Diretrizes para a organização e funcionamento das escolas Indígenas no Mato Grosso do Sul.

Dentre toda a legislação vigente, a de maior destaque para a compreensão do trabalho com a língua indígena na escola continua sendo o RCNEI (1998), pois as escolas indígenas são um espaço onde as línguas indígenas estão presentes atualmente e no futuro poderá se encontrar. O documento afirma que toda língua é complexa, ou seja, toda língua tem um sistema que organiza os sons, tem um sistema que permite construção de palavras, tem regras e princípios que permitem construir frase e discursos. Toda língua é completa, rica e serve plenamente para todos os usos que dela se queira fazer.

Nesse sentido, a inclusão de uma língua indígena no currículo escolar tem a função de atribuir-lhe o status de língua plena e de colocar em pé de igualdade com a língua portuguesa. Muitas vezes os falantes quase não percebem a perda de sua língua. De acordo com o RCNEI (1998), é

necessário que os falantes saibam o que está acontecendo com sua própria língua e o que, eventualmente, pode colocá-la em risco de desaparecimento, para que possa assumir o compromisso de tentar reverter o processo.

Portanto, a língua indígena na escola dever ser a língua de instrução oral do currículo ou língua de instrução, dando esclarecimentos e explicações, quando ela é a primeira língua da comunidade indígena. Com isso, os estudantes que possuem pouco domínio de português possam aprender novos conhecimentos de fora, devido ao contato com a sociedade não-indígenas (RCNEI, 1988).

De acordo com o RCNEI (1998), os estudantes indígenas aumentam sua competência oral em língua indígena, para aprender a falar dos novos conhecimentos adquiridos. Dessa forma a língua indígena se torna mais forte e passa a ter mais funcionalidade importante. E pode também se tornar a língua de instrução escrita, contribuindo com a criação e com o desenvolvimento de funções sociais da escrita nessa língua.

Para tanto, a escola é um local ideal para desencadear e reforçar o processo de uso intenso e extenso da língua escrita em todos os espaços. Pois a língua indígena não se apresenta como uma língua de instrução apenas, também pode fazer parte do currículo como disciplina. Sendo assim, torna-se um objeto de reflexão e de estudo para que os estudantes indígenas conheçam com mais profundidade a sua própria língua, ampliando sua competência no uso dela.

A escola por si só não consegue sozinha com seus esforços revitalizar a língua, pois há limitações no ambiente escolar. Mas a inclusão de uma língua no currículo pode fazer com que os alunos indígenas usufruam dos direitos linguísticos que são assegurados, como cidadãos brasileiro, pela Constituição, mas não garante a manutenção da língua dentro da comunidade indígena (RCNEI, 1998).

O Referencial orienta ainda para que sejam respeitadas as tradições culturais, as especificidades e as expectativas de cada comunidade indígena com relação às práticas de leitura e escrita. A escola deve tornar significativas para os alunos as atividades de leituras, somente assim, percebendo que ler

e escrever são atividades úteis e importantes para a sua própria vida, eles podem fazer o esforço necessário para se tornarem bons leitores e bons escritores (RCNEI, 1998, p.134). Portanto, para que a escrita faça sentido aos alunos, é preciso que eles se envolvam em atividade em que a linguagem escrita apareça contextualizada e sirva para alguma coisa. Sabe-se que a escrita é uma atividade que exige muito mais reflexão e elaboração do que a oralidade.

2.2 O ensino da língua de acordo com a legislação municipal de Caarapó

Não há uma legislação municipal em Caarapó que rege, especificamente, a Educação Escolar Indígena no município, tão pouco algum aparato jurídico que versa sobre o ensino da língua materna dos Guarani e Kaiowá da Reserva Indígena Te'yikue. Embora não haja um dispositivo jurídico municipal, a Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esporte tem aceitado o Projeto Político Pedagógico da Escola Ñandejára, que foi construído sob o amparo legal da Legislação Federal e Estadual, fundamentado, sobretudo, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e no Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas.

Dessa forma, a escola indígena na Reserva Te'yikue assume um papel fundamental a partir da preocupação de construir uma nova forma de manter a identidade com a Educação Escolar Indígena diferenciada, intercultural e bilíngue, com objetivo de construir alternativa de subsistência dentro da comunidade, fortalecer a cultura tradicional, a identidade e a língua.

2.3 O ensino da Língua Materna de acordo com o Projeto Político Pedagógico da Escola

Conforme o Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Indígena Ñandejára Pólo, aprovado pelo Conselho Escolar, conforme Ata nº 01 de 28 de novembro de 2018, a escola surge como um espaço de diálogos das identidades e de conhecimentos, isso porque vivemos em um mundo globalizado. Assim, podemos dialogar com o nosso jeito de ser e com os conhecimentos ditos universais. Com isso desconfiguramos o tipo de escola

formal estabelecida e construímos espaços estratégicos que possibilitam as práticas educativas com metodologias próprias Guarani/Kaiowá. Essa visão resultou na criação de uma unidade experimental, um viveiro de mudas, um ponto de cultura e um conservatório musical no ambiente escolar.

Desde a educação infantil é trabalhada a língua guarani³ como primeira língua. Os conteúdos em diversos campos de conhecimento são ministrados prioritariamente na língua guarani, em concomitância com a língua portuguesa. Como já afirmado anteriormente, o planejamento é coletivo, a partir de temas geradores definidos pela equipe de professores nos momentos de atividades pedagógicas. Trata-se de características metodológicas adquiridas ao longo do tempo no processo de construção da escola indígena. Para podermos compreender a realidade na qual estamos vivendo, afirmar a nossa identidade, a nossa forma de ser, a nossa língua, efetivar nossos direitos, construir perspectiva de vida a partir da nossa lógica, estes são alguns horizontes que pretendemos buscar e apostamos na educação para isso.

O Projeto Político Pedagógico prevê também o fortalecimento das identidades Guarani e kaiowá através da prática da espiritualidade, da maneira de ser verdadeira (*ñande reko tee*), realizando diálogo entre o conhecimento tradicional e o científico, no intuito de construir a sustentabilidade e uma nova maneira de perceber o mundo a partir da autonomia. Nesse sentido, o papel da escola é contribuir com a formação da nova geração, ajudando a viver melhor, como povo etnicamente diferente.

Pois os conteúdos apresentam características de temas integradores das diferentes áreas de conhecimentos, possibilitando abordagem integral de um determinado tema estudado, mas cada campo de conhecimento sempre obterá a preocupação de dialogar com os conhecimentos. Sempre o diálogo entre os saberes deverá ocorrer entre os saberes tradicionais Guarani e Kaiowá com os conhecimentos ocidentais.

³ Nota-se que não há menção de uma língua Kaiowá. O termo “língua guarani” abrange a língua materna dos Guarani e dos Kaiowá. É um termo genérico que acaba unindo as línguas a partir das suas semelhanças, omitindo suas diferenças.

O Projeto Político Pedagógico da escola afirma que a organização curricular para o Ensino Fundamental visa oferecer uma educação intercultural, bilíngue, específica e diferenciada, com o objetivo de construir alternativa de subsistência dentro da comunidade. Está relacionado à realidade, às necessidades e ao interesse da comunidade, tais como: Meio Ambiente e a sua Sustentabilidade; Gestão Territorial, Identidade, entre outros. A partir disso, faz-se o planejamento de acordo com os níveis de cada turma, desenvolvendo na prática através de diálogos, com os temas a serem abordados. Com isso, utiliza-se do trabalho de pesquisa como produção de conhecimento e pratica o exercício da experimentação e da leitura.

A escola busca a participação dos mais velhos da comunidade e do Ñanderu (mestre tradicional/rezador), que se torna fundamental nos processos de pesquisa, para recuperação da memória e para compartilhar o conhecimento tradicional do povo Guarani e Kaiowá. O currículo para os anos finais do Ensino Fundamental é definido e elaborado a partir de temas integradores ligados à realidade Guarani e Kaiowá e seus aspectos culturais tradicionais e atuais. De acordo com o Projeto Político Pedagógico, as atividades devem ser trabalhadas de maneira que o tema integrador direcione e norteie a prática pedagógica do ensino.

No que diz respeito à área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, presente no Projeto Político Pedagógico da escola, a linguagem é concebida como uma característica universal da espécie humana. Ela não é somente um instrumento de expressão humana, também não é apenas um instrumento de comunicação entre o homem e seus semelhantes, mas entre o homem e sua entidade divina. Nesse aspecto, a linguagem é quase sempre o meio mais importante através do qual os povos constroem, modificam e transmitem suas culturas.

Na área de Linguagens, as disciplinas e as atividades são relacionadas às diferentes formas de expressão. Fazem parte dessa área curricular os estudos de língua guarani e kaiowá, língua portuguesa, língua estrangeira (inglês), artes, saberes indígenas, educação física e tecnologia, para a qual há uma sala exclusiva. O conhecimento construído é compartilhado entre os indivíduos que são participantes ativos desse processo de criação,

interpretação e recriação do mundo. Com isso, a proposta da área é a de criar condições para que os estudantes possam se comunicar em várias linguagens, respeitando as diferenças.

A educação permanentemente se ensinava de fora para dentro, pois até o presente momento surge de dentro da aldeia, para que a cultura do povo guarani e kaiowá seja valorizado. Diante disso, a língua materna guarani e kaiowá é transmitida na oralidade e na escrita. Sabe-se que muitos dos conhecimentos tradicionais guarani e kaiowá desapareceram no decorrer do tempo por não terem sido registrados. Vale frisar a língua kaiowá e guarani é tratada como primeira língua durante o processo de ensino e usada na escrita de todos os conteúdos curriculares, na qual são sistematizados todos os outros conhecimentos.

A língua guarani é a forma de expressar a nossa felicidade e registrar os nossos valores como: liberdade, pensamentos, emoções, sonhos, desejos, intenções, mitos, contos, história, nossa cultura, dança, sambo (*ñe'ẽ rory*), poesia, *ñe'ẽnga* (piada), música, *guachiré*, *kotyhu*, *porahei*, *guahu*, reza, modo de ser kaiowá e guarani, tradições, músicas e história universal (PPP, 2018, p. 28). Dessa forma, busca-se valorizar a língua guarani na oralidade e na escrita, resgatar as palavras antigas, valorizar e fortalecer o *ñe'ẽ* (fala/língua) sagrado em formas de cantos, mitos, rezas e batismo.

Através da escrita busca-se fortalecer e mostrar a nossa identidade, não usando apenas gramática padronizada (que seria gramática tradicional da língua portuguesa), pois as etnias devem ser respeitadas, tanto o kaiowá como o guarani. O ideal é ter um estudo reflexivo das semelhanças e diferenças entre as línguas Kaiowá e Guarani, mas os professores não têm ainda condições para realizar isso, pois não há pesquisas que subsidie esse tipo de trabalho. Portanto, é necessário garantir a gramática padronizada da língua Guarani e Kaiowá, e a escola valorizar as falas dos caciques e das pessoas mais velhas da comunidade. Pois, quando se ensina a gramática, tem-se uma tendência a trabalhar apenas com as estruturas de uma língua em detrimento da outra, o que pode gerar uma imposição de um padrão linguístico, o que quer ser evitado.

Mas o ensino se torna insuficiente quando não problematiza a realidade linguística da Reserva, pois mascara a diversidade linguística e assume a homogeneidade linguística que só existe no discurso, na prática de uso das línguas no dia a dia ocorre outras coisas, o que se torna importante para a sobrevivência da língua Kaiowá dentro da Reserva. Devido à falta de um aparato distintivo entre as duas línguas, tem-se frisado o ensino da “Língua Guarani”, usando o termo guarani como um guarda-chuva, o qual abarca a fala do guarani e dos kaiowá.

Destaca-se ainda que todas as pessoas com mais experiência e os *ñanderu* são a fonte de todas as nossas pesquisas, como se fossem uma biblioteca viva, e a escola é um espaço importante de transmitir conhecimentos específicos e não específicos, para entender o mundo em que vivemos, perceber a mudanças na fala e na escrita, no pensamento, na atitude e conhecer as variedades linguísticas, mas valorizar a nossa identidade própria, pois somos bilíngues em nosso *tekoha*, sendo o português falado pelo indígena uma variedade única e que também marca a forma do pensamento indígena.

CAPÍTULO III

3. 1 O Planejamento de Ensino da Língua Materna conforme os Registros dos Professores nos diários

Na Escola Ñandejára Polo, no início do ano letivo, reúnem-se todos os professores, desde os anos iniciais aos anos finais do ensino fundamental, e realiza-se uma semana pedagógica a fim de que sejam planejadas coletivamente as atividades escolares a partir da escolha de temas geradores, definidos pelos grupos de professores. O planejamento é feito de acordo com os níveis de cada turma para trabalhar com os discentes durante o ano letivo.

Ao escolher o eixo temático em coletivo, os coordenadores se reúnem por escola, juntamente com seus professores, para elaborarem seus planos de aula, para serem trabalhados com os alunos, de acordo com os anos em que vão lecionar. Isso desde os anos iniciais até os anos finais do ensino fundamental, de acordo com a disciplina. Diante disso, o docente indígena, juntamente com coordenador pedagógico que acompanha a área de linguagens e com as demais áreas de disciplinas se juntam em sala de aula para escolher o subtema que será desenvolvido em cada turma para os anos finais. Com isso, cada um prepara seus planos de aula individualmente, sem seguir um conteúdo programático, ou seja, não segue um roteiro de conteúdo para todas as turmas de um mesmo ano. Sendo assim, apenas mostram o seu plano de aula semanal para o seu coordenador olhar em seu caderno para serem carimbados, para que possam aplicar em sala de aula. Isso, do ponto de vista pedagógico, por ser uma Educação Escolar Indígena, o professor tem total liberdade de acrescentar o conteúdo, durante o seu processo de ensino, isso ocorre também por não ter, no presente momento, uma proposta curricular formalizada para os anos finais do ensino fundamental. Desse modo, na perspectiva do ensino, é possível que traga alguma dificuldade para o estudante indígena o fato de não aplicar o mesmo conteúdo para a mesma turma. Nessa escolha de eixo temático como: Biodiversidade, Sustentabilidade, Organização Social, Territorial e Econômica, os conteúdos que serão desenvolvidos são: *Pehengue*

“Organização Familiar”, *yvy* “Terra”, *Temity* “semente”, *Ñe’ëkuua* “Gramática”, *Pohã ñana* “Remédios tradicionais”, *Ñande Reko* “Cosmologia Guarani/Kaiowá”, *Ñande Ñe’ë* “língua”, nota-se que nesses conteúdos há uma divisão entre gramática (*ñe’ëkuua*) e língua (*ñande ñe’ë*).

O objetivo dos eixos temáticos é possibilitar que o ensino seja contextualizado, de modo a conscientizar os estudantes sobre os saberes culturais e ocidentais, no processo da formação e organização social, territorial e sustentabilidade econômica. Também para abordar e ampliar os conhecimentos dos estudantes sobre a biodiversidade e a organização social, territorial e econômica, em busca de estratégias para minimizar os problemas cotidianos atuais. A intenção é que os estudantes se engajem nos conhecimentos que vão adquirir com o eixo temático.

Antes da realização da pesquisa de campo no ambiente escolar com professores indígenas que atuam no ensino de língua materna guarani, com alunos e até mesmo ter acesso aos registros de conteúdo, foi necessário redigir uma carta de apresentação pelo orientador, encaminhado à Secretaria de Educação para a realização da pesquisa. Busca-se destacar que o estudo promove uma reflexão acerca do ensino de língua materna na Reserva Indígena Te’yikue, buscando meios para que o espaço escolar usufrua da valorização e do fortalecimento da língua. Com a autorização da pesquisa de campo pela direção escolar da referida escola, o coordenador e os professores estavam cientes de que, além de estarem sendo observados durante as aulas, também o pesquisador teria acesso aos diários de classes registrados no dia a dia no sistema e-cidade, ou seja, os diários digitais dos professores que atuam com o ensino de língua materna - guarani.

De acordo com o módulo acessado em conteúdo programático no sistema e-cidade e conforme o relatório de conteúdo, verifica-se que há uma organização deste por turma para cada ano, com data de aulas dadas. De forma objetiva é descrito o conteúdo trabalhado no dia. A busca foi feita referente ao calendário letivo do ano 2023, de todas as turmas dos anos finais do ensino fundamental, na disciplina de língua materna – Guarani, registrado na área integradora nos períodos referentes ao primeiro, segundo, terceiro e

quarto bimestre do ano letivo. Destaca-se que os registros são feitos nos diários de forma bilíngue, com predomínio da língua materna do docente.

Conforme as análises dos conteúdos registrados de cada turma, elaborou-se um quadro de conteúdos desenvolvidos de todos os bimestres durante o ano letivo, contendo conteúdos e traduções, caso forem registrados na língua materna. No quadro, foram incluídos todos os conteúdos do dia a dia de cada docente indígena que atua na área. Trata-se de três professores indígenas⁴ que atuam nessa disciplina. A professora A é efetiva na área para lecionar apenas a língua materna – guarani, pois está com 16 turmas: sexto ano (turmas C, E, F), sétimo ano (turmas A, B, C, D, E), oitavo ano (turmas A, B, C, D) e nono ano (turmas A, C, D, E); a professora B foi lotada para lecionar a disciplina de Língua Portuguesa e a disciplina de Artes, mas por sobrar turmas, acabou sendo lotada com turmas de sexto ano (A, B e D), para o ensino de língua materna. O professor 1, também lotado para lecionar a disciplina de Língua Portuguesa, assumiu, por falta de professor de língua materna – guarani, a turma do 9º ano B.

Todos são professores indígenas e residem na Reserva Indígena Te'yikue. A professora A possui formação na área de Linguagens e a professora B também é graduada pelo Teko Arandu. O professor 1 possui formação apenas no Magistério Indígena Ára Vera, mas, diante das observações, busca sempre desenvolver conteúdos no nível da turma que leciona.

Neste capítulo busco apresentar e, em alguma medida, analisar os conteúdos registrados para as turmas do 6º ao 9º ano durante todos os bimestres letivos de 2023. Os conteúdos são apreciados considerando as competências comunicativas e reflexões linguísticas de cada ano. Para isso, tomo como critério o desenvolvimento de competências comunicativas observadas no RCNEI (1998) com vias à valorização da língua materna: oralidade, leitura, escrita e reflexões linguísticas. Acrescento a isso o estudo de fenômenos sociolinguísticos, como variação, além do uso da língua como instrumento pelo qual os conhecimentos tradicionais são transmitidos.

⁴ Para preservar a identidade dos docentes, seus nomes não são mencionados nesta pesquisa.

Quadro 6: Conteúdo de Língua materna para o 6º ano – 1º bimestre

Curso: Ensino Fundamental Ano Finais Turma: 6º ano A Série: 6º ano Turno: Matutino Bimestre: 1º Disciplina: Língua Materna- Guarani – Área integradora Ano Letivo: 2023 Aulas dadas: 22		
Nº	CONTEÚDOS	TRADUÇÃO
1	Língua guarani: Aula programada - Educação especial - movimentos existentes na escola. - Lei brasileira de inclusão LBI-2015 - Transtornos de aprendizagem diferenciado	
2	Língua guarani: Aula programada - Formação de linguagens - Concordância verbal e nominal na Língua Portuguesa - Coerência e coesão na Língua Portuguesa	
3	Ñemongeta mbo'epy kuéra ndive - Tembiapo mohesakã (regra escolar interna) rehegua. - Tembiapo mohesakã mba'ekuaa rehegua	- Diálogos com alunos: - regras interna da escola - esclarecimentos sobre o eixo temático a ser desenvolvido
4	- Dos direitos e deveres do corpo docente - Das proibições tembiapo ombohovai ñeporandupe	questões a serem respondidas
5	Jehesa mondo mba'éichapa ikatu jehai (autobiografia) - Ta'anga ha ombojagua - Jehai ñe'ẽ puku	- Produção de escrita de autobiografia - Produção e pintura de desenho - Produção textual
6	Ñande reko, jaiporúva ha ndajaiporuvéima ñande rekope. - Jehai ta'anga rehegua ñe'ẽ puku teko ha tekoha rehegua. - Jembojagua ta'anga	- Jeito de ser que se utilizava antes e o que não se usa mais - Produção de desenho sobre teko e tekoha - Pinturas de desenho
7	Pehengue rehegua	Sobre famílias Fala de antigamente da família

	• Ymaguare ñe'ẽ itepy pehegue kuéra • Achejety (abecedário)	• Alfabeto guarani
8	• Pu'ae jurugua (vogais orais) • Pu'ae tingua (vogais nasais) • Pundie tingua (consoantes nasais) • Pundie jurugua (consoantes orais)	• Vogais orais • Vogais nasais • Consoantes nasais • Consoantes orais
9	• Tembiapo moñe'ẽ pehengue rehegua • Jeporeka jehesa mondo pehengue rehegua • Ta'anga ha ombojagua	• Atividade sobre famílias • Pesquisa sobre famílias • Produção de desenho e pinturas
10	• Ñe'endy teratee (vocabulários próprios) • Kuñante he'íva (vocabulário próprio da mulher) • Kuimba'ente he'íva (vocabulário próprio do homem)	• Vocabulários próprios • Vocabulário próprio da mulher • Vocabulário próprio do homem
11	• Tembiapo ñe'ẽndy rehegua • Ñe'ẽ puku kuimba'e ha sandia ty rehegua. • Jejapopy ta'anga ñe'ẽ puku rehegua	• Atividade sobre vocabulário escrita • Produção de texto sobre Lugar de melancia • Produção de desenho relacionado ao texto
12	• Ñemongeta arapoindy rehegua • Ohova ñe'ẽ rire • Ñe'ẽ osẽ'yva ñane tĩ rupi ndive • Ñe'ẽ osẽva ñane tĩguarã rupi	• Diálogo • Palavras orais • Palavras nasais
13	Projeto da semana de leitura	• Projeto da semana de leitura
14	Projeto da semana de leitura	• Projeto da semana de leitura
15	• Aula programada • M.M.A • A inteligência emocional • M.N.P	• Aula programada entregue de atividade para os estudantes realizarem na sua casa • Palestra sobre inteligência emocional
16	• Tembiapo techapyrã ohóva ñe'ẽ rire • Tembiapo ombohováĩ ñeporandupe • Jeporeka jehesa mondo	• Atividades de exemplos de posposição • Questões de atividades • Pesquisa
17	• Mymba kuéra • Mymba ka'aguy pegua • Mymba ovevéva	• Sobre animais • Animais da floresta • Aves que voam
18	• Mymba y pegua • Mymba kapi'iguyre rehegua	• Animais aquáticos • Animais do cerrado

	• Mymba y kota rehegua	• Animais que vivem na beira de água
19	Mymba pyharegua Mymba mbora'u Avaliação relacionado ao conteúdo	• Animais noturnos • Animais de mal agouro • Avaliação relacionada ao conteúdo

Fonte: elaborado pelo autor

Considerando a oralidade, a escrita, a leitura, aspectos linguísticos e fenômenos sociolinguísticos, além da prática de uso da língua indígena para instruir e transmitir conhecimentos tradicionais com fins de valorização de língua e dos conhecimentos próprios, nota-se que, durante o primeiro bimestre, nesta turma de 6º ano, somente a partir do 6º encontro que se deu o início, efetivamente, do uso da disciplina com foco no ensino da língua materna.

Em termos de práticas de escrita, verifica-se a produção de texto do gênero autobiografia e uma produção de texto em que se predomina o tipo descritivo, quando é solicitado aos alunos que escrevam sobre a melancia. Verifica-se ainda uma prática de produção de textos imagéticos, desenhos são sempre solicitados, envolvendo conteúdos do dia. Nesta turma houve também uma reapresentação do alfabeto da língua Guarani, considerando as vogais e as consoantes, provavelmente como revisão necessária para tirar dúvidas dos alunos sobre como escrever determinadas palavras na língua.

Com respeito à oralidade, verifica-se uma prática de escuta por parte dos estudantes, de modo a compreenderem aspectos próprios de sua cultura, tais como o jeito de ser próprio dos Guarani e Kaiowá. Há também o registro de diálogos, em que torna viável a interação com o professor na língua materna. No que diz respeito à leitura, foi registrado um Projeto de Semana de Leitura.

No que se refere a questões linguísticas destaca-se o estudo das posposições na língua. Portanto, durante as observações foram encontradas reflexões abordadas na prática a questões sociolinguísticas, por meio de um estudo lexical, diferenças entre a fala do homem e da mulher, além do estudo dos nomes de animais dentro da taxionomia tradicional.

Quadro 7: Conteúdo de língua materna para o 7º Ano – 1º bimestre

Curso: Ensino Fundamental Anos Finais Turma: 7º ano A Série: 7º ano Turno: Matutino Bimestre: 1º Disciplina: Língua Materna – Guaraní – Área integradora Ano Letivo: 2023 Aulas dadas: 18		
Nº	Conteúdo	Tradução
1	Ñe'ẽ puku mbo'e ñe'ẽte rehegua	• Produção textual sobre o ensino de língua
2	Moñe'ẽ petẽĩteĩ ojoupe ñe'ẽ puku jeahaipyre mbo'e ñe'ẽ puku jehaipyre ñe'ẽ tee rehegua	• Leitura individual da produção textual
3	Ñe'ẽ mbyky kokuerãre rehegua	• Produção de frases sobre roça
4	Mbohovái ñeporandúpe tembiapo kukuerãre rehegua	• Perguntas e respostas sobre roça
5	Ñe'ẽ mbyky tembiporu oiporúva ojapo haguã kokuerã	• Produção de frases sobre ferramentas para fazer roça
6	Mbohovái umi tembiapo tembiporu rehegua	• Perguntas e respostas sobre ferramentas
7	Ñe'ẽ puku ñanderu omomgarai yvy ha temity rehegua	• Produção textual sobre rezador realizando o batismo para o plantio
8	Mbohasa ambuepe umi ñe'ẽ mbyky moñe'ẽrã	• Tradução de frases na língua portuguesa
9	Ñe'ẽ puku kokue porã rehegua ha ta'anga jegua	• Produção textual sobre roça e produção de desenho e pinturas
10	Mbohovái ñeporandúpe tembiapo	• Perguntas e respostas
11	Jeporeka umi temity réra rehegua	• Pesquisa sobre plantas da roça
12	Emoñe'ẽ petẽĩteĩ ojoupe ojeporeka va'ekuegui temity rehegua	• Leitura individual de pesquisa realizada
13	Ñe'ẽ ñe'ẽteva rehegua moñe'ẽrã petẽĩteĩ ojoupe mbo'ekotýpe	• Leitura individual sobre verbos
14	Mbohovái ñeporandu tembiapope ñe'ẽ ñe'ẽteva rehegua	• Perguntas e respostas sobre verbos
15	Mbohasa ambuepe ñe'ẽ terá rehegua	• Tradução para língua portuguesa
16	Moñe'ẽrã petẽĩteĩ ojoupe tembiapo jehaipyre	• Leitura individual

17	Corrida rústica, torneio, corrida da estrela, atletismo e equilíbrio	Corrida rústica, torneio, corrida da estrela, atletismo e equilíbrio
18	Debate e aprovação das propostas	Debate e aprovação das propostas
19	Ñe'ẽ puku ára pokõindy ojehu va'ekue rehegua	Produção textual
20	Moñe'ẽrã petẽĩteĩ ojoupe mbo'ekotýpe	Leitura individual

Fonte: elaborado pelo autor

Durante a observação foi encontrado em sala de aula no quadro 07 uma ausência de atividades relacionadas a reflexões sociolinguísticas, sendo abordados na prática no primeiro bimestre do 7º ano. Há uma ênfase na prática de leitura individual e na prática de produção escrita, tomando como base o que os estudantes conhecem, quer seja sobre o ensino da própria língua, quer seja sobre a roça e o papel do rezador para o plantio. Quanto à prática de oralidade, nota-se a presença de constantes diálogos, considerando perguntas e respostas sobre um determinado tema. Destaca-se, nos aspectos linguísticos do ensino da língua, aulas direcionadas para a compreensão, por meio da leitura, acerca dos verbos, além de práticas de tradução, tendo como língua fonte o Guaraní e como língua alvo a língua portuguesa.

Quadro 8 - Conteúdo de língua materna para o 8º Ano – 1º bimestre

Curso: Ensino Fundamental Anos Finais Turma: 8º ano A Série: 8º ano Turno: Matutino Bimestre: 1º Disciplina: Língua Materna - Guaraní – Área integradora Ano Letivo: 2023 Aulas dadas: 18		
Nº	Conteúdo	Tradução
1	Ñe'ẽ puku mbo'e ñe'ẽ tee rehegua	Produção textual sobre o ensino da língua
2	Omoñe'ẽ petẽĩteĩ ojoupe mbo'e kotýpe	Leitura individual
3	Kokue ñepyrumby réra moñe'ẽrã	Nomes de início da roça para leitura
4	Mbohováĩ ñeporandúpe tembiapo	Perguntas e respostas de atividades
5	Mbohováĩ ñeporandúpe tembiapo kokue rehegua	Perguntas e respostas de atividades

6	Ñe'ẽ puku moñe'ẽrã kokue porã rehegua	• Leitura de produção textual sobre roça
7	Ta'anga jegua kokue rehegua ha héra	• Pinturas de desenhos sobre roça e nomes
8	Moñe'ẽrã petẽĩteĩ tembiapo kokue rehegua	• Leitura individual sobre roça
9	Mbohasa ambue ñe'ẽme ñe'ẽ mbyky	• Tradução de frases para língua portuguesa
10	Mbohovái ñeporandu tembiapo	• Perguntas e respostas de atividades
11	Mbohovái ñeporandu tembiapo	• Perguntas e respostas de atividades
12	Ñe'ẽ puku avati moroĩ rehegua	• Produção textual sobre milho branco
13	Embohovái ñeporandúpe tembiapo	• Perguntas e respostas de atividades
14	Eháĩ ñe'ẽ oiporúva ñe'ẽteva	• Escreva frases que usam verbos
15	Mbohasa ambuepe ñe'ẽ mbyky temity rehegua	• Tradução de frases curtas sobre plantas da roça
16	Ta'anga jegua avati rehegua	• Produção e pinturas de desenho sobre milho
17	Ñe'ẽ puku moñe'ẽrã vy'a rehegua	• Produção textual para leitura sobre felicidades
18	Moñe'ẽ petẽĩteĩ ojoupe mbo'ekotýpe	• Leitura Individual
19	Mbohovái ñeporandu tembiapo térarangue rehegua	• Perguntas e respostas sobre pronomes
20	Ñe'e térarangue hai porã haguã ñe'ẽ	• Palavras pronominais para escrever correto
21	Abertura, orquestra, torneio, truco ha ambueve	• Abertura, orquestra, torneio, truco entre outros
22	Maia(malha), misto, pescaria, voleibol	• Maia(malha), misto, pescaria, voleibol
23	Moñe'ẽrã petẽĩteĩ ojoupe pe mbo'ekotýpe	• Leitura individual
24	Ñe'ẽ puku ára pokõindy ojuhú va'ekue rehegua	• Produção textual sobre semana indígena

Fonte: elaborado pelo autor

Assim como verificado no 7º ano, também no 8º ano não há menção de reflexões sociolinguísticas sendo abordadas na prática. Com relação a reflexões linguísticas, o conteúdo escolhido para trabalhar foi “pronomes”, com ênfase na forma correta de escrever. Há um predomínio de atividades relacionadas à produção textual, tais como a escrita de um texto sobre o ensino da língua, sobre o milho, sobre felicidade e sobre a Semana Indígena.

Considerando as práticas de oralidade, verifica-se o exercício da leitura individual e de atividades de perguntas e respostas, que podem ser escritas e faladas. Verificam-se ainda atividades de tradução, assim como ocorreu no 7º ano.

Quadro 9 - Conteúdo de língua materna para o 9º Ano – 1º bimestre

Curso: Ensino Fundamental Anos Finais Turmas: 9º ano A, C, D Série: 9º ano Turno: Matutino Bimestre: 1º Disciplina: Língua Materna- Guarani – Área integradora Ano Letivo: 2023 Aulas dadas: 24		
Nº	Conteúdo	Tradução
1	Ñe'ẽ puku mbo'e ñe'ẽtee rehegua	• Produção Textual sobre o ensino da língua
2	Moñe'ẽ peteĩteĩ ojoupe mbo'e kotýpe ojoupe	• Leitura individual
3	Mbohasa ambue ñe'ẽme pohã réra kuéra	• Tradução de nomes de remédios tradicionais para língua portuguesa
4	Pohã réra kuérare ojeppureka pehengue ndive	• Pesquisa de nomes de remédios com a família
5	Mbohovái ñeporandu tembiapo pohã rehegua	• Perguntas e respostas sobre remédios
6	Ñe'ẽ puku pohã rehegua	• Produção textual sobre remédios tradicionais
7	Ñe'ẽ puku moõpe ojejapo umi pohã rehegua	• Produção textual sobre onde são feitos os remédios
8	(receita) pohã ojejapo rehegua moñe'ẽrã	• Leitura de produção de receitas
9	Ñe'ẽ mbykyguasú pohã rehegua	• Produção textual narrativa sobre remédio tradicional
10	Ta'anga jegua pohã rehegua	• Pinturas de desenho sobre remédios
11	Ñe'ẽ oiporúva ára moimbaha rehegua (indicar ideias de tempo)	• Sobre ideias do uso do tempo
12	Mbohovái ñeporandu tembiapo moimbaha rehegua	• Perguntas e respostas sobre ideias de tempo
13	Mbohovái ñeporandu tembiapo	• Perguntas e respostas
14	Ñe'ẽ oiporúva reiko moimbaha rehegua	• Palavras usadas ao indicar ideias de tempo
15	Yva réra kuéra jehaipyrã moñe'ẽrã	• Listagem de nomes de frutas para leitura

16	Mbohasa ambue yva réra	• Tradução de nomes de frutas para língua portuguesa
17	Ta'anga jegua yva rehegua	• Pinturas de desenho sobre frutas
18	Yva réra kuéra moñe'êrã	• Leitura de nomes de frutas
19	Pehengue réra kuéra ha ojehesa mondo pehengue réra ymãguarere	• Nomes de famílias antiga para pesquisa antigamente
20	Ñe'ẽ oiporúva ára reikoha rehegua ñe'ẽ mbyky	• Palavras usada para marcar ideias de lugar com frases curtas
21	Apresentação cultural, jogo escolinhas, trucos, voleibol	• Apresentação cultural, jogos: escolinhas, trucos, voleibol
22	Abertura orquestra, torneio, truco, misto, pescaria voleibol	• Abertura orquestra, torneio, truco, misto, pescaria, voleibol
23	Ñe'ẽ puku ára pokõindy jave ojehe va'ekue rehegua	• Produção textual sobre semana indígena
24	Moñe'êrã petẽiteĩ ojoupe mbo'ekotýpe	• Leitura individual

Fonte: elaborado pelo autor

Durante o primeiro bimestre no 9º ano (turmas A, C e D), há uma ênfase na produção textual. Consideram-se como temas os seguintes assuntos: ensino da língua materna, remédios tradicionais e Semana dos Povos Indígenas. Com respeito ao estudo de gêneros textuais, destaca-se o trabalho com a receita. Há ainda atividades de tradução, considerando os nomes dos remédios e das frutas conhecidas pelos alunos. Há também práticas de pintura e desenho acerca dos temas das aulas.

No que diz respeito a questões linguísticas, foca-se no estudo do léxico. Considera-se os nomes dos remédios e das frutas em língua materna. Além disso, busca-se uma reflexão sobre palavras que expressam noção de tempo e de lugar, fazendo referência à classe de advérbios.

Durante as aulas nota-se o uso de perguntas e respostas como forma de interação entre professor e aluno. Para o 9º ano, turma B, houve uma outra programação de conteúdos, conforme pode ser visto no quadro 10, a seguir:

Quadro 10 - Conteúdo de língua materna para o 9º Ano B – 1º bimestre

Curso: Ensino Fundamental Anos Finais

Turma: 9º ano B

Série: 9º ano

Turno: Matutino

Bimestre: 1º

Disciplina: Língua Materna – Guarani – Área integradora

Ano Letivo: 2023 Aulas dadas: 24		
Nº	Conteúdo	Tradução
1	• Aulas programadas: Sustentabilidade • Organização social • Territorial	• Aulas programadas: Sustentabilidade • Organização social • Territorial
2	• Aulas programadas: Sustentabilidade • Organização social • Territorial	• Aulas programadas: Sustentabilidade • Organização social • Territorial
3	• Ñemongeta • Ñe'ëndy	• Diálogos • Vocabulários
4	• Ñemongeta • Ñe'ëndy	• Diálogos • Vocabulários
5	• Haipyre ñane ñe'ẽ ha portuge	• Escrita de língua guarani com português
6	• Haipyre ñane ñe'ẽ ha portuge	• Escrita de língua guarani com português
7	• Haipyre mbairy ñe'ẽ omokangy ñande ñe'ẽ • Omoheñoi hai che ñe'ẽ rehegua	• Escrita com língua portuguesa enfraquece a língua guarani • Germinar a minha fala através da escrita
8	• Haipyre mbairy ñe'ẽ omokangy ñande ñe'ẽ • Omoheñoi hai che ñe'ẽ rehegua	• Escrita com língua portuguesa enfraquece a língua guarani • Germinar a minha fala através da escrita
9	• Téarãngue/pronome pessoal	• pronome pessoal
10	• Téarãngue/pronome pessoal	• pronome pessoal
11	• Téarãngue/pronome demonstrativo	• pronome demonstrativo
12	• Téarãngue/pronome demonstrativo	• pronome demonstrativo
13	• Téarãngue/pronome possessivo	• pronome possessivo
14	• Téarãngue/pronome possessivo	• pronome possessivo
15	• Téa/flexão relacional R1, R2, R3, R4, nos nomes (substantivos) em guarani e em kaiowá • classes • Subclasses	• Tera/flexão relacional R1, R2, R3, R4, nos nomes (substantivos) em guarani e em kaiowá • classes • Subclasses
16	• Téa/flexão relacional R1, R2, R3, R4, nos nomes	• Tera/flexão relacional R1, R2, R3, R4, nos nomes

	(substantivos) em guarani e em kaiowá	(substantivos) em guarani e em kaiowá
	• classes • Subclasses	• classes • Subclasses
17	• Téra/relacionais R1, morfemas r • Téra/relacionais R2, morfemas i, ij, h, t • Téra/relacionais R3, morfemas o, ho, gu • Téra/relacionais R4, morfemas t, m	• Téra/relacionais R1, morfemas r • Téra/relacionais R2, morfemas i, ij, h, t • Téra/relacionais R3, morfemas o, ho, gu • Téra/relacionais R4, morfemas t, m
18	• Téra/relacionais R1, morfemas r • Téra/relacionais R2, morfemas i, ij, h, t • Téra/relacionais R3, morfemas o, ho, gu • Téra/relacionais R4, morfemas t, m	• Téra/relacionais R1, morfemas r • Téra/relacionais R2, morfemas i, ij, h, t • Téra/relacionais R3, morfemas o, ho, gu • Téra/relacionais R4, morfemas t, m
19	• Corrida de bicicleta • Vôlei • Torneio de 5 maria (bolita) • Cabo da paz • Salto distância • Torneio de futsal feminino • Arco e flecha • Socar pilão • Estilingue • Arremesso	• Corrida de bicicleta • Vôlei • Torneio de 5 maria (bolita) • Cabo da paz • Salto distância • Torneio de futsal feminino • Arco e flecha • Socar pilão • Estilingue • Arremesso
20	• Corrida de bicicleta • Vôlei • Torneio de 5 maria (bolita) • Cabo da paz • Salto distância • Torneio de futsal feminino • Arco e flecha • Socar pilão • Estilingue • Arremesso	• Corrida de bicicleta • Vôlei • Torneio de 5 maria (bolita) • Cabo da paz • Salto distância • Torneio de futsal feminino • Arco e flecha • Socar pilão • Estilingue • Arremesso
21	Aulas programadas: Aty, ñemongeta ha temikotêve.	• Aulas programadas: grupo de trabalho de propostas de fórum indígena
22	Aulas programadas: Aty, ñemongeta ha temikotêve.	• Aulas programadas: grupo de trabalho de propostas de fórum indígena
23	Hai akue Káso jagua ha mbarakaja rehegua.	• Produção textual sobre cachorro e gato

24	Hai akue Káso jagua ha mbarakaja rehegua.	• Produção textual sobre cachorro e gato
----	---	--

Fonte: elaborado pelo autor

Pelo registro dos conteúdos para o 9º ano, turma B, verifica-se que houve práticas de oralidade por meio de diálogos, mas o foco do ensino foi a realidade sociolinguística em que se encontram os falantes Guarani e Kaiowá. Nota-se uma ênfase para discutir os empréstimos linguísticos provenientes do português na produção escrita dos estudantes. A posição assumida pelo docente é que empréstimos tendem a enfraquecer o uso da língua materna. Algumas aulas foram reservadas para essa questão.

Com respeito a aspectos linguísticos, a turma teve aulas referentes à descrição da classe de pronomes da língua, com destaque aos pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos. Além disso, há aulas acerca dos nomes, com ênfase nos nomes relativos, ou seja, aqueles nomes dependentes e flexionados pelos prefixos relacionais (R1, R2, R3 e R4). Durante essas aulas busca-se estudar a classificação dos nomes. Por fim, basicamente, a única atividade de produção textual registrada foi sobre “cachorro e gato”. Nota-se, portanto, um foco maior em questões gramaticais e pouco trabalho com o desenvolvimento de competências comunicativas.

Quadro 11: Conteúdos de língua materna para o 6º ano – 2º bimestre

Curso: Ensino Fundamental Anos Finais Turma: 6 ° Série: 6º ano Turno: Matutino Bimestre: 2º Disciplina: Língua Materna – Guarani – Área integradora Ano Letivo: 2023 Aulas dadas: 23		
Nº	Conteúdo	Tradução
1	Língua guarani Calendário indígena	
2	Língua guarani Diagnóstico Produção de texto	
3	Ñe'ẽ poty kuemi Sy Ára	• Livro ñe'ẽ poty kuemi • Dia das mães
4	Ñe'ẽ poty kuemi Sy Ára	• Livro ñe'ẽ poty kuemi • Dia das mães

5	Tembiapo jeporeka – mitos indígenas	• Atividade de pesquisa • Mitos indígenas
6	Jaipapaha Jaipapaha réra	• Números • Nome dos números
7	Jaipapaha Tembiapo jeháipy Héra Tradução	• Contação de números • Atividades • Nomes dos números • Tradução
8	Ára papaha Tembiapo Jasy (mês) Jasy réra	• Meses do ano • Atividades • Mês • Nomes dos meses
9	Ára papaha Tempiapo Moñe'ẽ héra Tradução	• Meses do ano • Atividades • Leitura • Tradução
10	Árapapaha Ñe'ëndy ára pokõindy (dias da semana)	• Meses do ano • Dias da semana
11	Árapapaha Tembiapo Ñe'endy arakoindy	• Meses do ano • Atividades •
12	Semana do Meio Ambiente Árapapaha Ñe'endy arajere rehegua	• Semana do meio ambiente • Meses do ano •
13	Semana do Meio Ambiente Árapapaha Ñe'ëndy arajere rehegua	• Semana do meio ambiente • Meses do ano •
14	Ñe'ëndy arajere rehegua Jeporeka ñeporandu	•
15	Ñe'ẽ puku Áry rese Áry reike	• Produção textual • Ao nascer do sol • Pôr do sol
16	Semana de Leitura Ñe'ẽ puku Ary rese Ary reike Moñe'ẽ	• Semana de leitura • Produção textual • Ao nascer do sol • Pôr do sol • Leitura
17	Semana de Leitura Ñe'ẽ puku áry ro'y rehegua Moñe'ẽrã Tembiapopyrã	• Semana de leitura • Produção textual sobre dia de frio • Leitura • Atividades
18	Estações do Ano Ñe'ẽ puku áry poty Moñe'ẽrã Tembiapopyrã	• Estações do ano • Produção textual sobre primavera • Leitura

		• Atividades
19	Estações do ano Ñe'ẽ puku áry yvyra rakã roky pyahu Moñe'ẽrã	• Estações do ano • Produção textual sobre outono • Leitura
20	Estações do ano Ñe'ẽ puku áry rakãngue ryapu Moñe'ẽrã Tembiapopyrã	• Estações do ano • Produção textual • Leitura • Atividades
21	Exposição Projeto Sabor da Terra Texto narrativo Tembiapo jechukapyrã mbo'epy kuéry	• Exposição projeto sabor da Terra • Texto narrativo • Atividade de ensaio para apresentação
22	Ñe'ẽ puku Mitã ha pira Moñe'ẽrã	• Produção textual • Criança e peixe • Leitura
23	Ñe'ẽ puku Mitã ha pira Moñe'ẽrã	• Produção textual • Crianças e peixe • Leitura

Fonte: elaborado pelo autor

No segundo bimestre, a turma de 6º ano realizou diversas atividades de leitura e produção textual. Destaca-se a existência de aulas reservadas para a leitura do livro “Ñe'ẽ poty kuemi” e a programação da Semana de Leitura. Com relação à escrita, houve diversas produções textuais, considerando temas que fazem parte do dia a dia dos estudantes: nascer e pôr do sol, dia de frio, primavera, outono, entre outros.

Em termos de práticas orais, foi registrado um tempo para ensaio de uma apresentação oral dentro do Projeto Sabor da Terra, evento em que é valorizada a comida tradicional dos Guarani e Kaiowá. Ainda com relação à oralidade, identificam-se as pesquisas sobre mitos indígenas.

Os aspectos linguísticos giram em torno do estudo do léxico. Chama a atenção o estudo de neologismos para os números, os nomes dos meses do ano, os nomes dos dias da semana e das estações do ano.

Quadro 12: Conteúdo de língua materna para o 7º Ano – 2º bimestre

Curso: Ensino Fundamental Anos Finais Turma: 7º ano A, B, C, D, E Série: 7º ano Turno: Matutino Bimestre: 2º Disciplina: Língua Materna – Guaraní – Área integradora Ano Letivo: 2023 Aulas dadas: 23		
Nº	Conteúdo	Tradução
1	Pohã kyra mymba kuérágui	• Remédios à base de gordura de animais
2	Mbohasa ambue ñe'ẽme pohã mymba rehegua	• Tradução de nomes de remédios para língua portuguesa
3	Ta'anga jegua pohã mymba kyraguigua rehegua	• Produção de desenho relacionados à gordura de animais
4	Ñe'ẽ poty sy ára pega rehegua	• Poesia para o dia das mães
5	Ñe'ẽ puku (receita) pohã kyra rehegua	• Produção de receitas
6	Moñe'ẽrã peteĩ teĩ ojoupe	• Leitura individual
7	Ñe'ẽ puku ka'i ha jagaretê rehegua	• Produção textual narrativa sobre onça
8	Mbohovái ñeporandu tembiapo	• Atividade de interpretação
9	Jehaipyrã umi ñe'ẽ oiporúva teroeta téra teĩ	• Atividades gramaticais pronomes
10	Moñe'ẽrã peteĩteĩ ojoupe mbo'ekotype	• Leitura individual
11	Ñe'ẽ puku yva rehegua moñe'ẽrã	• Produção textual sobre frutas para leitura
12	Mbohovái ñeporandúpe tembiaporã	• Atividade de interpretação
13	Ta'anga jegua ka'aguy rehegua	• Produção de desenho sobre mato
14	Ñe'ẽ mbyky tata rehegua	• Frases curtas sobre fogo
15	Ta'anga jegua há ñe'ẽ puku tata rehegua	• Produção de desenho e produção textual sobre fogo
16	Ñe'ẽ puku je'upy rehegua	• Produção textual sobre comidas tradicionais
17	Ta'anga jegua je'upu rehegua	• Produção de desenho
18	Ñe'ẽ mbyky pohã ñana je'upy rehegua	• Frases curtas sobre remédios tradicionais
19	Ta'anga jegua ñe'ẽ puku kururu ha yryvu rehegua	• Produção textual e desenho sobre sapo e urubu
20	Hairã ñe'ẽ puku kururu ha ka'i rehegua	• Produção textual sobre sapo e macaco

21	Moñe'ërã peteĩ teĩ ojoupe ñe'ẽ puku kururu ha yryvu rehegua	• Leitura individual sobre sapo e urubu
22	Ñe'ẽ puku mbo'e ñe'ẽ rehegua	• Produção textual sobre o ensino da língua
23	Moñe'ërã ñe'ẽ puku mbo'e ñe'ẽ rehegua	• Leitura individual

Fonte: elaborado pelo autor

Para o 7º ano, o segundo bimestre foi de muita produção textual e práticas de leitura. No que diz respeito à escrita, destaca-se a produção de poesias para comemorar o dia das mães, a produção de receitas de remédios tradicionais, além de textos narrativos sobre onça, fruta, fogo, comidas tradicionais, sapo e macaco, sapo e urubu e sobre o ensino da língua materna. Como prática de leitura destacam-se as atividades de leitura individual e interpretação de texto. Houve também espaço para tradução, considerando os conhecimentos adquiridos sobre os remédios tradicionais estudados. Por fim, sobre reflexões linguísticas, durante o segundo semestre os alunos tiveram a oportunidade de estudar os pronomes.

Quadro 13: Conteúdo de língua materna para o 8º Ano – 2º bimestre

Curso: Ensino Fundamental Anos Finais Turma: A, B, C, D Série: 8º Turno: Matutino/Vespertino Bimestre: 2º Disciplina: Língua Materna – Guarani – Área integradora Ano Letivo: 2023 Aulas dadas: 20		
Nº	Conteúdo	Tradução
1	Pohã réra	• Nome de remédios tradicionais
2	Mbohasa ambue ñe'ẽme pohã rehegua	• Tradução de língua guarani sobre remédios para língua portuguesa
3	Ñe'ẽ poty sy ára pe rehegua	• Poesia para dia das mães
4	Moñe'ërã peteĩteĩ ojoupe pohã rehegua	• Leitura individual
5	Jeháipyra (receita) pohã rehegua	• Produção de receitas
6	Mbohovái ñeporandu tembiapo	• Interpretação escrita
7	Mombe'upyra pohã rehegua ojoupe	• Leitura sobre remédios tradicionais
8	Mbohovái ñe'ẽ porandu tembiaporã	• Atividade de interpretação

9	Mbohasa ambuepe pohã ñu pegua réra	• Tradução de língua guarani sobre remédios para língua portuguesa
10	Moñe'ẽrã peteĩteĩ ojoupe mbo'ekotype	• Leitura individual
11	Ñe'ẽ puku rehegua y rehegua moñe'ẽrã	• Produção de textos sobre água
12	Mbohasa ambue ñe'ẽme ñe'ẽ mbyky	• Tradução de frases curtas para língua portuguesa
13	Tembiapo jejapopyre y rehegua moñe'ẽrã	• Leitura de textos
14	Jehechapyrã tembiapo jejapopyre mbo'epy kuéra ndie	• Ensaio para apresentação
15	Jechukapyrã ambue mbo'epype tembiapo jejapopyre	• Apresentação para a turma
16	Ñe'ẽ puku ava omendaseva rehegua moñe'ẽrã	• Texto escrita sobre casamento
17	Hairã ñe'ẽ puku ava omendaséva rehegua	• Produção textual sobre casamento interpretação
18	Hairã ñe'ẽ puku mbo'e ñe'ẽ rehegua	• Produção textual sobre o ensino da língua
19	Moñe'ẽrã peteĩteĩ ojoupe mbo'ekotype	• Leitura individual

Fonte: elaborado pelo autor

No 8º ano, durante o segundo bimestre, buscou-se o desenvolvimento de práticas de escrita, leitura e tradução. Os estudantes escreveram poesias para o dia das mães, receitas de remédios tradicionais, além de texto sobre água, casamento e ensino de língua. A prática de leitura priorizou o exercício de leitura individual e de interpretação de texto, com o auxílio da escrita.

Destaca-se ainda a prática da oralidade em aulas reservadas para ensaio e apresentação para a turma. O aspecto linguístico é explicitamente contemplado no estudo do léxico, em aulas sobre os nomes dos remédios tradicionais. Atividades de tradução também foram registradas. Trata-se de um exercício de traduzir os nomes dos remédios e das receitas tradicionais para a língua portuguesa.

Quadro 14: Conteúdo de língua materna para o 9º Ano – 2º bimestre

Curso: Ensino Fundamental Anos Finais Turma: A, C, D, F Série: 9º Turno: Matutino Bimestre: 2º Disciplina: Língua Materna – Guaraní – Área integradora Ano Letivo: 2023 Aulas dadas: 18		
Nº	Conteúdo	Tradução
1	Pehengue réra	• Nome de famílias
2	Ojehesamondo pehengue rérare	• Reflexão sobre nomes de famílias
3	Ombohasa ambue ñe'ême pehengue réra	• Tradução para língua portuguesa sobre família
4	Ñe'ẽ poty sy ára pe rehegua	• Poesia para dia das mães
5	Ñe'ẽ puku pehengue rehegua	• Produção textual
6	Mbohováí ñeporandúpe tembiapo	• Perguntas de interpretação
7	Jeháipyra pehengue rehegua	• Texto escrita sobre famílias
8	Moñe'ẽrã petẽĩ teĩ ojoupe mbo'ekotype	• Leitura individual
9	Ñe'ẽ puku yty ha ñamoi rehegua	• Produção textual sobre lixo
10	Ta'anga jegua yty rehegua	• Produção de desenho
11	Jahaipyra yvy soro rehegua	• Texto escrita sobre erosão de solo
12	Ojehesamondo yvy soro rehegua	• Reflexão sobre erosão de solo
13	Mbohovai ñeporandu tembiapo	• Atividade interpretação
14	Tembiapo mombe'upy mbe'u ojoupe rehegua	• Diálogos entre alunos
15	Jechukapyra tembiapo va'ekue mbo'epy ndive	• Apresentação de turmas das atividades desenvolvidas
16	Ñe'ẽ puku chaviru ha aguara rehegua moñe'ẽrã	• Texto escrita sobre burro e lobo guará para leitura
17	Moñe'ẽrã petẽĩ teĩ ojoupe mbo'ekotype rehegua	• Leitura individual

Fonte: elaborado pelo autor

Como pode ser verificado no quadro 14, o 8º ano apresenta atividades comuns com o 7º ano no que diz respeito às práticas de leitura, escrita, oralidade e reflexões linguísticas. Com os alunos são trabalhadas as atividades de produção escrita que culminam em poesias para o dia das mães, receitas de remédios tradicionais, além da produção de textos sobre a água, o casamento e

sobre o ensino de língua materna. O trabalho com a leitura é realizado mediante a prática de leitura individual e interpretações de texto. A competência oral é trabalhada por meio de apresentações orais enquanto reflexões linguísticas giram em torno do estudo lexical dos nomes de remédios tradicionais.

Quadro 15: Conteúdo de língua materna para o 9º Ano B – 2º bimestre

Curso: Ensino Fundamental Anos Finais Turma: B Série: 9º Turno: Matutino Bimestre: 2º Disciplina: Língua Materna – Guarani – Área integradora Ano Letivo: 2023 Aulas dadas: 20		
Nº	Conteúdo	Tradução
1	Cognato em kaiowá, nominalizador EMI ha EMBI	
2	Cognato em kaiowá EMI ha EMBI	
3	Nominalizador de objeto tembi'u, hembireko, hembijogua ha tembiapo	
4	Nominalizador de objeto tembi'u, hembireko, hembijogua ha tembiapo	
5	Nominalizador objeto em kaiowá tembiguai, hemimbo'e, temity, hemimongakuaa	
6	Nominalizador objeto em kaiowá tembiguai, hemimbo'e, temity, hemimongakuaa	Nominalizador objeto em kaiowá tembiguai, hemimbo'e, temity, hemimongakuaa
7	Nominalizador de objeto em kaiowá tembiecha, hembijuka, hembiaapo, hembipota	Nominalizador de objeto em kaiowá tembiecha, hembijuka, hembiaapo, hembipota
8	Nominalizador de objeto em kaiowá tembiecha, hembijuka, hembiaapo, hembipota	Nominalizador de objeto em kaiowá tembiecha, hembijuka, hembiaapo, hembipota
9	Passeio ecológico em relação ao meio ambiente	
10	Passeio ecológico em relação ao meio ambiente	
11	Traduções frases em guarani	
12	Traduções frases em guarani	
13	Texto dissertativo argumentativo e teatro	
14	Texto dissertativo argumentativo e teatro	

15	Variedades da língua kaiowá	
16	Variedades da língua kaiowá	
17	Ditado: hai ka'a rehegua	
18	Ditado: hai ka'a rehegua	

Fonte: elaborado pelo autor

Durante o segundo bimestre do 9º ano B, nota-se a predominância do estudo da formação de palavras a partir do morfema derivacional emi- ~ embi-, formador de objeto a partir de verbos transitivos. Além disso, houve atividades de tradução e discussões acerca das variedades linguísticas da língua Kaiowá.

As práticas de escrita foram realizadas a partir do estudo de texto dissertativo argumentativo. Não há menção de práticas de leitura. Destaca-se o uso do ditado de nomes de plantas tradicionais. Essa atividade pode ser entendida como um trabalho de oralidade (escuta), escrita e leitura.

Quadro 16 - Conteúdo de língua materna para o 6º Ano – 3º bimestre

Curso: Ensino Fundamental Anos Finais

Turma: A, B, D

Série: 6º

Turno: Matutino/Vespertino

Bimestre: 3º

Disciplina: Língua Materna – Guarani – Área integradora

Ano Letivo: 2023

Aulas dadas:15

Nº	Conteúdo	Tradução
1	Pronomes Pronomes pessoais	
2	Pronomes Classificação de pronomes (Téarangué) Identificação numeral de pronomes	
3	Pronomes Classificação de Pronomes (Téarangué) Identificação numeral de Pronomes	
4	Pronomes Frases Produção de Texto	
5	Pronome Tradução Produção de Texto	

6	Pronomes Tradução Produção de Texto	
7	Gramática: Pronomes (Térarague) Avaliação	
8	Independência do Brasil: Desfile cívico	
9	Formação continuada: Estudo de professores	
10	Semana de Trânsito Ta'anga (Trânsito) rehegua Ñe'ẽ puku (Trânsito) rehegua	• Produção de desenho relacionado ao trânsito • Produção de gênero textual relacionado ao trânsito
11	Semana de Trânsito Ta'anga (Trânsito) rehegua Ñe'ẽ puku (Trânsito) rehegua	• Produção de desenho relacionado ao trânsito • Produção de gênero textual relacionado ao trânsito
12	Guarani: Ditado Mymba rehegua Ka'aguy rehegua Pundie jurugua Pundie Tingua	• Relacionado aos animais • Relacionados a mata • Consoante oral • Consoante nasal
13	Guarani: Ditado Mymba rehegua Ka'aguy rehegua Pundie jurugua Pundie Tingua	• Relacionado aos animais • Relacionados a mata • Consoante oral • Consoante nasal
14	Gincana Perguntas e Resposta, Dinâmicas/ Jogos	
15	Ñe'ẽ puku, mo'ne'ẽ ñe'ẽ puku	• Textos escrita para leitura

Fonte: elaborado pelo autor

No terceiro bimestre, a turma do 6º ano (A, B, D), considerando as competências comunicativas com vias de valorização da língua materna como: oralidade, leitura, escrita, reflexões linguísticas e os fenômenos linguísticos, realizou a confecção de desenhos, relacionados à semana de trânsito. Com relação à escrita, desenvolveu produção textual relacionado ao tema. Em termos de práticas orais, nota-se que desenvolveu nessa turma textos escritos no quadro branco para leitura, também textos relacionados aos animais e animais da mata, embora não tenha sido especificado que tipo de produção textual foi trabalhado.

Os aspectos linguísticos desenvolvido são os estudos das consoantes orais e nasais, pronomes pessoais, classificação de pronomes e identificação numeral de pronomes.

Quadro 17 - Conteúdo de língua materna para o 6º Ano – 3º bimestre

Curso: Ensino Fundamental Anos Finais Turma: C, E, F Série: 6º Turno: Matutino/Vespertino Bimestre: 3º Disciplina: Língua Materna – Guarani – Área integradora Ano Letivo: 2023 Aulas dadas: 19		
Nº	Conteúdo	Tradução
1	Ñe'ẽ mbykype moimba ñe'ẽ moñe'ẽrã	Complete as frases curtas com palavras
2	Yva kuéra réra moñe'ẽrã ha mbohasa ambue ñe'ẽme	Leitura de nomes de árvores e tradução para língua portuguesa
3	Moñe'ẽrã peteĩ teĩ ojoupe mbo'ekotype	Leitura individual em sala de aula
4	Ta'anga jegua yva ha ñe'ẽ puku reheve	Produção de desenho e pintura relacionada a frutas
5	Mbohovai ñeporandu ñe'ẽteva rehegua	Perguntas e resposta escritas sobre verbos
6	Ñe'ẽteva mosusumbyre rehegua	Conjugação de verbos
7	Mbohovái ñeporandu tembiapo yva rehegua	Perguntas e respostas escritas sobre frutas
8	Mbohasa ambuepe ñe'ẽ mbyky yva rehegua	Tradução de frase guarani para língua portuguesa sobre frutas
9	Ñe'ẽ rapo mboyvegua rehegua	Relacionado ao prefixo da raiz da palavra
10	Mbohasa ambue pe ñe'ẽ mbyky	Tradução de frases guarani para língua portuguesa
11	Mbohovái ñeporandupe tembiaporã	Perguntas e respostas escritas
12	Yvy ape andururu rehegua ñe'ẽ mbohasa	Relacionados ao trânsito
13	Yvy ape andururu rehegua ñemongeta	Fala oral relacionados ao trânsito
14	Moñe'ẽrã peteĩteĩ ojoupe yvy ape andururu rehegua	Leitura individual de gêneros textual sobre trânsito
15	Ta'anga yvy ape andururu rehegua	Produção de desenho sobre trânsito
16	Mbohovái ñeporandu tembiapo	Perguntas e respostas escritas

17	Mbohasa ambuepe ñe'ẽ mbyky	• Tradução de frases curtas guarani para língua portuguesa
18	Ñe'ẽ puku mbo'e ñe'ẽtee rehegua	• Conceitos relacionado ao verbo
19	Moñe'ẽrã peteĩ teĩ ajoupe mbo'ekotype	• Leitura individual em sala de aula

Fonte: elaborado pelo autor

No terceiro bimestre das turmas do 6º ano (C, E e F), a programação de aulas se distingue das turmas do 6º ano (A, B e D). Do que se depreende que o docente tem total autonomia para escolher os conteúdos a serem ministrados. Enquanto nas turmas C, E e F focalizou-se o estudo dos pronomes, nas turmas A, B e D trabalharam verbos, por exemplo.

Com relação à escrita, nota-se que foram realizadas atividades de completar frases e de produção textual em geral, sem especificar o gênero trabalhado. Além disso, houve atividades de desenhar, pintar e realizar traduções. A prática de oralidade teve como temática o trânsito, mas não fica claro que atividades orais foram propostas. Em termos de prática de leitura, foi realizada leitura individual sobre nomes de árvores e leitura em sala de aula individualmente, além de atividades de compreensão e interpretação de texto.

Os aspectos linguísticos focalizados giraram em torno da conjugação de verbos e o uso de prefixo pessoais. Porém, analisando as competências comunicativas nessa turma, nota-se a ausência de reflexões linguísticas para que se possam ter a valorização de língua materna.

Quadro 18 - Conteúdo de língua materna para o 7º Ano – 3º bimestre

Curso: Ensino Fundamental Anos Finais Turma: A, B, C, D, E Série: 7º Turno: Matutino/Vespertino Bimestre: 3º Disciplina: Língua Materna – Guarani – Área integradora Ano Letivo: 2023 Aulas dadas: 16		
Nº	Conteúdo	Tradução
1	Mba'asy kuéra réra moñe'ẽrã	• Leitura de nomes de doenças
2	Mbohovái ñeporandúpe tembiapo mba'asy rehegua	• Perguntas e resposta relacionadas à doença
3	Omongora ñe'ẽ mbyky tero teroeta, tero terotei rehegua	• Circule palavras curtas sobre substantivos compostos, substantivos simples

4	Mbohasa ambuepe ñe'ẽeva ñe'ẽ	• Tradução de palavras para língua portuguesa
5	Ñe'ẽeva papytei, papyeta rehegua ñe'ẽ	• Conceito de verbos, singular, plural
6	Mbohováí ñeporandu tembiapo papytei, papyeta rehegua	• Perguntas e respostas relacionados a singular e plural na língua guarani
7	Mbohasa ambuepe ñe'ẽ terarãgue ñe'ẽeva ñemboaty heko ambue rehegua	• Tradução de pronomes guarani para língua portuguesa
8	Ñe'ẽ terarãgue moimbaha opaichaguavape rehegua	• Conceito de pronomes e classificação
9	Moguahe ojoupe koã ñe'ẽ mbyky yvy oĩva terarãgue	• Ligue palavras que faça parte de pronomes
10	Jehai ñe'ẽ mbyky oñemboja reivare tata rehegua	• Produção de frases curtas relacionado ao fogo
11	Yvy ape andururu rehegua ñemongeta	• Fala e escuta relacionado ao trânsito
12	Mbohasa ambuepe ñe'ẽ mbyky yvy ape andururu rehegua	• Tradução de frases relacionado ao trânsito
13	Ñe'ẽ puku yvy ape andururu rehegua	• Produção textual sobre trânsito
14	Moñe'ẽrã peteĩ teĩ ajoupe mbo'ekotype yvy ape andururu rehegua	• Leitura individual em sala de aula sobre trânsito
15	Ñe'ẽ puku mbo'e ñe'ẽtee rehegua	• Gênero textual escrito relacionado ao ensino de língua materna
16	Moñe'ẽrã peteĩ teĩ ojoupe mbo'ekotype	• Leitura individual em sala de aula

Fonte: elaborado pelo autor

Para o 7º ano, no terceiro bimestre foram desenvolvidas atividades de tradução e produção textual. No que diz respeito à escrita, destaca-se a produção de frases curtas sobre fogo, escritas sobre o trânsito e um texto descritivo sobre o ensino de língua materna. Com respeito ao estudo gramatical, foi proposta uma atividade que envolveu o conhecimento de pronomes. A prática de leitura se deu com atividades de compreensão e interpretação textual, leitura de nomes de doenças e leitura individual em sala de aula relacionado ao tema.

Ainda com relação a aspectos gramaticais, os estudantes tiveram a oportunidade de estudar a formação de substantivos compostos e distingui-los dos substantivos simples, além do próprio conceito de verbo e a expressão de

singular e plural na língua. Nessa turma foram pouco exploradas as reflexões linguísticas, pensando em valorizar a língua materna e os fenômenos sociolinguísticos e de escrita.

Quadro 19 - Conteúdo de língua materna para o 8º Ano – 3º bimestre

Curso: Ensino Fundamental Anos Finais Turma: A, B, C, D Série: 8º Turno: Matutino/Vespertino Bimestre: 3º Disciplina: Língua Materna – Guarani – Área integradora Ano Letivo: 2023 Aulas dadas:		
Nº	Conteúdo	Tradução
1	Mboja'opy Tekoha repete oĩva réra kuéra	Nomes de regiões da aldeia
2	Mbohasa ambuepe Tekoha mboja'opy réra	Tradução de nomes da região da aldeia para a língua portuguesa
3	Mbohovai ñeporandu tembiapo Tekoha mboja'opy rehegua	Perguntas e respostas relacionados as regiões da aldeia
4	Jehái pyrã mboja'opy Tekoha réra kúera	Textos escrita nomes de região da aldeia
5	Ñe'ẽ puku moõpepa oiko Tekoha Mboja'opy rehegua	Produção textual sobre a localização das regiões
6	Yvy jegua ha temity hoky porã rehegua	Produção textual sobre terra e germinação de plantação
7	Mbohováí ñeporandu tembiapo yvy soro rehegua	Perguntas e respostas sobre erosão do solo
8	Ta'anga jegua yvy soro rehegua	Produção de desenho e pintura sobre erosão do solo
9	Ñe'ẽ puku ta'anga jegua tata rehegua	Produção textual e produção de desenhos com pinturas sobre fogo
10	Moñe'ẽrã peteĩ teĩ ojoupe mbo'ekotype tembiapo	Leitura individual em sala de aula para a turma
11	Mbohováí ñeporandupe tembiapo y rehegua	Compreensão e interpretação escrita
12	Ta'anga jegua yvy soro rehegua	Produção de desenho sobre erosão do solo
13	Ñemongeta yvy ape andururu rehegua	Fala e escuta sobre o trânsito
14	Ñe'ẽ mbykype yvy ape andururu rehegua	Produção de frases curtas sobre trânsito

15	Ñe'ẽ puku yvy ape andururu rehegua	• Produção textual sobre trânsito
16	Moñe'ẽrã peteĩ teĩ ojoupe mbo'ekotype yvy ape andururu rehegua	• Leitura individual para turmas em sala de aula
17	Ñe'ẽ puku mbo'e ñe'ẽtee rehegua	• Produção textual sobre ensino de língua materna
18	Moñe'ẽrã peteĩ teĩ ojoupe mbo'ekotype	• Leitura individual em sala de aula

Fonte: elaborado pelo autor

No 8º ano, durante o terceiro bimestre, buscou-se desenvolver atividades de tradução, leitura e produção textual. A prática de leitura priorizou nome de região da aldeia, tradução de nome da aldeia e leitura individual em sala de aula para praticar a leitura e compreensão e interpretação.

Destaca-se a proposta de escrita de textos sobre terra e germinação de plantas, ensino de língua materna, erosão do solo, localização da aldeia, trânsito, fogo, além da produção de desenhos.

Conteúdo referente a aspectos gramaticais e espaço para reflexões linguísticas estão ausentes na programação do bimestre.

Quadro 20- Conteúdo de língua materna para o 9º Ano – 3º bimestre

Curso: Ensino Fundamental Anos Finais Turma: A, C, D, E Série: 9º Turno: Matutino/Vespertino Bimestre: 3º Disciplina: Língua Materna – Guarani – Área integradora Ano Letivo: 2023 Aulas dadas: 18		
Nº	Conteúdo	Tradução
1	Mymba Kuéra réra moñe'ẽrã peteĩ teĩ	• Leitura individual dos nomes de animais
2	Mboja'o mymba réra ha mbohasa ambue ñe'ẽme	• Separação silábica de nomes de animais e tradução para língua portuguesa
3	Ñe'ẽ puku mymba je'upy ro'o ha pohã osẽva ichugui rehegua	• Produção textual sobre carne de animais do mato e o que se produz remédio
4	Mbohovái ñeporandu tembiapo mymba rehegua	• Compreensão e interpretação da escrita sobre animais
5	Ñe'ẽ ñe'ẽjoajueta ñe'ẽjoaju potapyva rehegua	• Oração compostas • Oração simples desiderativa

6	Mbohasa ambuepe ñe'ẽ mbyky ñe'ẽjoajuhaite rehegua	• Tradução de frases curtas sobre coordenadas copulativas
7	Mbohovái ñeporandúpe tembiapo	• Compreensão e interpretação escrita
8	Ñe'ẽ mbyky ñe'ẽjoajuha mbohovakeva rehegua	• Conjunção
9	moñe'ẽrã peteĩ teĩ ojoupe mbo'ekotype	• Leitura individual em sala de aula
10	Ñe'ẽ puku ha parakau rehegua	• Produção textual narrativa sobre papagaio
11	Ñe'ẽ oiporúva teroteĩ térã teroeta rehegua	• Palavras: substantivo concreto e substantivo composto
12	Mbohovái ñeporandupe	• Compreensão e interpretação
13	Mbohasa ambuepe yvy ape andururu rehegua	• Tradução na língua portuguesa sobre trânsito
14	Ñemongeta yvy ape andururu rehegua	• Fala e escuta sobre trânsito
15	Moñe'ẽrã peteĩ teĩ ojoupe mbo'ekotype yvy ape andururu rehegua	• Leitura individual em sala de aula
16	Ñe'ẽ puku yvy ape andururu rehegua	• Produção textual sobre trânsito
17	Ñe'ẽ puku mbu'e ñe'ẽtee rehegua	• Produção textual sobre ensino de língua
18	Moñe'ẽrã peteĩ teĩ ojoupe mbo'ekotype	• Leitura individual em sala de aula

Fonte: elaborado pelo autor

Como pode ser verificado no quadro 20 do terceiro bimestre, o conteúdo de língua materna para turmas de 9º ano (A, C, D e E) foi trabalhado levando em consideração práticas de leitura, escrita, oralidade e reflexões linguísticas. Os estudantes tiveram a oportunidade de ler e escrever textos sobre papagaio, trânsito, ensino de língua materna, carne de animais do mato, o que serve para remédio, além de atividades de compreensão e interpretação. O trabalho de leitura proposto foi o de leitura individual.

A competência oral é trabalhada através da compreensão e interpretação de texto sobre animais, através de perguntas e respostas. Enquanto aspectos linguísticos, foi desenvolvida a atividade de separação silábica, além do estudo de orações, de conjunções e de substantivos.

Quadro 21- Conteúdo de língua materna para o 9º Ano – 3º Bimestre

Curso: Ensino Fundamental Anos Finais

Turma: B

Série: 9º

Turno: Matutino

Bimestre: 3º

Disciplina: Língua Materna – Guarani – Área integradora

Ano Letivo: 2023

Aulas dadas: 20

Nº	Conteúdo	Tradução
1	Jornada Formativa	
2	Jornada Formativa	
3	Ñe'ẽ mbyky ombohassa mbairy ñe'ẽpe	• Tradução de frases guarani para a língua portuguesa
4	Ñe'ẽ mbyky ombohassa mbairy ñe'ẽpe	• Tradução de frases guarani para a língua portuguesa
5	Moheñoi ñe'ẽ mbyky guaranipe ha ñembohassa mbairy ñe'ẽpe	• Escrever frases curtas em língua guarani e traduzir para a língua portuguesa
6	Moheñoi ñe'ẽ mbyky guaranipe ha ñembohassa mbairy ñe'ẽpe	• Escrever frases curtas em língua guarani e traduzir para a língua portuguesa
7	Ñe'ẽ jembohassa mbairy ñe'ẽpe	• Tradução de língua guarani para língua portuguesa
8	Ñe'ẽ jembohassa mbairy ñe'ẽpe	• Tradução de língua guarani para a língua portuguesa
9	Mymba ka'aguy oĩva vyteri tekoha Te'yikuepe	• Tipos de animais que ainda há na aldeia Te'yikue
10	Mymba ka'aguy oĩva vyteri tekoha Te'yikuepe	• Tipos de animais que ainda há na aldeia Te'yikue
11	Mymba Ka'aguy ndaipori veima Tekoha Te'yikuepe	• Sobre animais do mato que não existem mais na aldeia Te'yikue
12	Mymba Ka'aguy ndaipóriveima Tekoha Te'yikuepe	• Sobre animais do mato que não existem mais na aldeia Te'yikue
13	Mymba ka'aguy je'u'e'yva	• Animais do mato que não se consome
14	Mymba Ka'aguy je'u'e'yva	• Animais do mato que não se consome
15	Mymba Ka'aguy hi'upyva	• Animais do mato que se podem consumir
16	Mymba ka'aguy hi'upyva	• Animais do mato que se podem consumir
17	Guachire ha kotyhu rehegua	• Sobre guachire e kotyhu
18	Guachire ha kotyhu rehegua	• Sobre guachiré e kotyhu
19	Aulas Programadas: Moheñói porahéi, guahu terá ñembo'e rehegua	• Produzir relacionado aos cânticos, guahu e reza

20	Aulas Programadas: Moheñoi porahéi, guahu terá ñembo'e rehegua	• Produzir relacionados aos cânticos, guahu e reza
----	--	--

Fonte: elaborado pelo autor

Durante o terceiro bimestre do 9º ano B, houve atividades de tradução de frases, produção de frases escritas e tradução. Aproveitou-se das aulas de língua Guarani para falar sobre os tipos de animais que ainda existem na aldeia Te'ýikue, animais do mato que não existem mais na aldeia Te'ýikue e conhecimento indígenas relacionados animais do mato que não se podem consumir e os que se podem. Houve também espaço para falar sobre *guachire* e *kotyhu*, cantos e danças tradicionais. Destaca-se apenas a prática de escrita para que os estudantes possam escrever sobre cânticos indígenas (Porahéi), guahu e reza (ñembo'e). Nessa turma não desenvolveu reflexões linguísticas durante este bimestre.

Quadro 22 - Conteúdo de língua materna para o 6º Ano A – 4º Bimestre

Curso: Ensino Fundamental Anos Finais

Turma: A, B, D

Série: 6º

Turno: Matutino/Vespertino

Bimestre: 4º

Disciplina: Língua Materna – Guarani – Área integradora

Ano Letivo: 2023

Aulas dadas: 18

Nº	Conteúdo	Tradução
1	Pundi'e jurugua Variação Linguística Classificação de palavras Números Empréstimos das palavras Tabela de palavras	• Consoante Oral
2	Pundi'e jurugua Variação Linguística Classificação de palavras Números Empréstimos das palavras Tabela de palavras	• Consoante Oral
3	Pundi'e tingua Variação Linguística Classificação de palavras Números Empréstimos das palavras Tabela de palavras	• Consoante nasal

4	Pundi'e tingua Variação Linguística Classificação de palavras Números Empréstimos das palavras Tabela de palavras	• Consoante nasal
5	Pua'e jurugua Variação Linguística Classificação de Palavras Números Empréstimos de Palavras Tabela de Palavras	• Vogal oral
6	Pua'e jurugua Variação Linguística Classificação de Palavras Números Empréstimos de Palavras Tabela de Palavras	• Vogal oral
7	Aula programada – Formação continuada Achegety – alfabetos Som da palavra Semelhança da palavra Encontro consonantal	• Alfabeto guarani
8	Achegety – alfabetos Som da palavra Semelhança da palavra Encontro consonantal	• Alfabeto guarani
9	Separação silábica Números silábicas Ñe'ẽ pyahu ko'ángagua - Identificação Quebra – cabeça de palavras	• Formação de novas palavras atual
10	Aula Programada: Interclasse Separação silábica Números silábicas Ñe'ẽ pyahu ko'ángagua – Identificação Quebra – cabeça de palavras	• Formação de palavras novas
11	Aula Programada Kokue - Tipo de plantas Comida tradicional Receitas	• Roça
12	Gênero Textual: Descritivo Tekoha – Estrutura da aldeia Saúde	• Aldeia

	Educação Esporte Lazer Organização da Comunidade	
13	Gênero Textual: Descritivo Tekoha Estrutura da aldeia Saúde Educação Esporte Lazer Organização da Comunidade	• Aldeia
14	Gênero Textual – Descritivo Tekoha Som de Palavra Uso de Acentuação Encontros Consonantais Separação silábicas	• Aldeia
15	Gênero Textual – Descritivo Tekoha Som de Palavra Uso de Acentuação Encontros Consonantais Separação silábicas	• Aldeia
16	Jehugapy – O que é, o que é Trava – língua Soletrando	• Brincadeira
17	Kuatia moñe'ërã Ñe'ë poty Ñe'ë mbyky Ñe'ë puku Ñe'ë purahéiva	• Leitura de livros • Poesia • Frases • Produção textual • Letra de Músicas

Fonte: elaborado pelo autor

Considerando a oralidade, a escrita, a leitura, e aspectos linguísticos e fenômenos sociolinguísticos, durante o quarto bimestre nas turmas de 6º (A, B, D), verifica-se que, em termos da prática de escrita, foi trabalhada a produção textual, com foco na descrição, abordando o tema *tekoha* (lugar de viver, aldeia): estrutura da aldeia, saúde, educação, esporte, lazer organização da comunidade e, por fim, sobre roça, tipo de plantas, comidas tradicionais e receitas.

Com respeito à oralidade, podemos notar o desenvolvimento de brincadeiras como, provérbios, trava-língua e soletrando. E com relação à leitura, foram adotados livros contendo poesias, frases, textos e o uso de letras de músicas. No que se refere a questões linguísticas destaca-se o estudo das

consoantes orais, a classificação de palavras, números, alfabeto guarani, encontro consonantal, separação silábica e acentuação. Há também registros de reflexões linguísticas como estudos de variação linguística, empréstimos das palavras, som das palavras e semelhança das palavras. Nota-se que, entre os bimestres anteriores para essas turmas de 6º ano, este foi o mais enriquecido, em termos de conteúdo, o que se verifica um certo desequilíbrio na distribuição de conteúdos durante o ano letivo.

Quadro 23 - Conteúdo de língua materna para o 6º Ano – 4º Bimestre

Curso: Ensino Fundamental Anos Finais Turma: C, E, F Série: 6º Turno: Matutino/Vespertino Bimestre: 4º Disciplina: Língua Materna – Guarani – Área integradora Ano Letivo: 2023 Aulas dadas: 18		
Nº	Conteúdo	Tradução
1	Ombohováĩ ñeporandu tembiapo	Compreensão e interpretação
2	Pehengue rera kuéra moñe'ẽrã peteĩ teĩ ojoupe mbo'ekotýpe	Leitura individual em sala de aula relacionado a famílias
3	Ta'anga jegua tata rehegua	Produção de desenho e pintura sobre fogo
4	Moñe'ẽrã ñe'ẽ puku tata rehegua	Leitura de textos sobre fogo
5	Haypyrã ñe'ẽ mbyky moñe'ẽrã	Frases escritas para leitura
6	Ñe'ẽ oiporúva ñe'ẽteva mosusumbyre rehegua	Palavras que usam verbos e sua conjugação
7	Jehái pyrã mymba kuéra ovevea	Texto escrito sobre animais que voam
8	Jehái pyrã mymba ka'aguy pegua	Texto escrito sobre animais da mata
9	Ehai mymba kuéra ra'anga y pe oĩva	Produção de desenho de animais que vivem na água
10	Emboja'õ ñe'ẽ mymba y kota rehegua	Separação silábicas dos nomes de animais que vivem na margem do rio
11	Emombe'u mymba so'ova je'upy oĩva ka'aguy pe ha y pe	Produção de texto sobre consumo de carne de animais que vive na mata e na água
12	Emojegua ta'anga mymba so'ova	Produção de desenho de animais que dão carnes

13	Ejapo ñe'ẽ mbyky mymba pochy rehegua	• Produção de frases curtas sobre animais ariscos ou bravos
14	Mbohováí ñe'ẽ mymba poxyva ha mymba pochy yva rehegua	• Junção de palavras sobre animais ariscos e animais não ariscos
15	Ñe'ẽ puku je'upy mymba ro'o rehegua ha pohã osêva chugui	• Produção de texto sobre carne de animais do mato que se pode consumir e o que produz remédio
16	Emosusu ñe'ẽ puku mymba rehegua	• Produção de texto sobre animais
17	Ejapo ñe'ẽ puku mymba rehegua	• Produção de texto sobre animais
18	Ehai mborevi Kyra rehegua	• Produção de texto sobre gordura da anta

Fonte: elaborado pelo autor

No quarto bimestre as turmas do 6º ano (C, E, F) se destacam pela quantidade de produção de textos, abordando animais e o consumo de carne de animais que vivem na mata e na água, além de carne de animais do mato que se pode consumir e o que não se pode consumir, e o que produz remédio e sobre a gordura de anta, inserindo, portanto, conhecimentos tradicionais nas práticas de escrita.

Deu-se ênfase também nas atividades de compreensão e interpretação de textos e na produção de desenhos e pintura sobre fogo e animais que vivem na água. A prática da leitura foi feita de forma individual e esteve relacionada à família, ao fogo, a partir de frases curtas e textos mais longos, sobretudo para o estudo dos animais que voam. Nota-se, portanto, uma inserção dos conhecimentos tradicionais no ensino da língua, de forma a valorizar os próprios conhecimentos e desenvolver habilidades de leitura e escrita.

Os aspectos linguísticos abordados foram: verbo, considerando sua conjugação, separação silábica e junção de palavras. Com relação à oralidade identifica-se apenas a prática da compreensão e interpretação de textos escritos que, eventualmente, pode ter sido trabalhado também na oralidade.

Quadro 24 – Conteúdo de língua materna para o 7º Ano – 4º Bimestre

Curso: Ensino Fundamental Anos Finais

Turma: A, B, C, D, E

Série: 7º

Turno: Matutino/Vespertino

Bimestre: 4º

Disciplina: Língua Materna- Guaraní – Área integradora

Ano Letivo: 2023

Aulas dadas: 18

Nº	Conteúdo	Tradução
1	Ñemongeta mbo'ekoty'e mbo'epy ndive ára jere réra kuéra	Fala e escuta sobre as estações do ano
2	Ñe'ëndy arajere, jasy, aravo réra kuéra moñe'ërã	Vocabulário sobre estações do ano e sobre os meses
3	Ombohasa ambuepe ára jere, jasy aravo réra kuéra	Tradução sobre os meses e as estações
4	Mbohovái ñeporandupe tembiapo jasy, arajere, aravo rehegua	Compreensão e interpretação relacionada aos meses e às estações
5	Pehengue kuéra réra embohasa ambuepe	Tradução de nomes de famílias para língua portuguesa
6	Ejapo ñe'ẽ puku peteĩ pehengue rehegua	Produção de textos sobre família
7	Ñe'ẽ puku pohã rehegua	Produção de texto sobre remédios
8	Ejapo ko ñe'ẽ teeva techapyrã	Escreva conceitos de verbos
9	Ejapo ko tembiapõrã ñe'ẽ osẽva jurugua ha tingua gui	Atividades escrita de som da palavra oral e nasal
10	Ejapo ta'anga kokue rehegua ha embojagua	Produção de desenho e pinturas sobre roça
11	Ejapo ko tembiaporãre	Atividades de compreensão e interpretação
12	Tete ava rehegua	Sobre corpo humano
13	Ava rete rehegua ejapo ta'anga ha mbohéra	Produção de desenho sobre corpo humano e por os nomes em cada parte
14	Tete – tronco rehegua	Relacionado ao tronco do corpo humano
15	Tete pehengue yvate – membro superiores	Sobre membros superiores
16	Tete pehengue poguypegua – membros superiores	Sobre membros superiores
17	Ambue tete rehegua – outras partes do corpo	Outras partes do corpo
18	Pohã rehegua – remédio caseiro	Sobre remédio caseiro

Fonte: elaborado pelo autor

De acordo com o conteúdo registrado no quadro 24 do quarto bimestre, das turmas do 7 ° ano (A, B, C, D, E), os alunos foram contemplados com atividades de vocabulário, produção de textos, tradução, compreensão e interpretação. Na prática da escrita, deu-se ênfase na produção de textos sobre remédios e tradução de nomes de família. Na oralidade se desenvolveu a prática da fala e da escuta sobre as estações do ano e meses do ano. Com relação à leitura, supõe-se que os estudantes nessa turma praticam a leitura sobre o nome de cada parte do corpo humano e de seus membros. Nota-se uma ausência de reflexão linguística e de estudo de aspectos linguísticos que poderiam ser abordados a respeito dos nomes, sobretudo em nomes que designam partes do corpo.

Quadro 25 - Conteúdo de língua materna para o 8º Ano – 4º Bimestre

Curso: Ensino Fundamental Anos Finais Turma: A, B, C, D Série: 8º Turno: Matutino/Vespertino Bimestre: 4º Disciplina: Língua Materna – Guarani – Área integradora Ano Letivo: 2023 Aulas dadas: 16		
Nº	Conteúdo	Tradução
1	Mymba je'upy réra kuéra moñe'ẽrã	Leitura de nomes de animais que podem ser consumidos
2	Ñe'ẽ puku mymba je'upy rehegua	Produção de texto sobre animais que podem ser consumidos
3	Ta'anga jegua mymba je'upy rehegua	Produção de desenho e pintura sobre animais que podem ser consumidos
4	Moñe'ẽrã peteĩ teĩ ojoupe mbo'ekotype mymba je'upy rehegua	Leitura individual em sala de aula sobre animais
5	Mymba ka'aguy rehegua	Sobre animais do mato
6	Mymba ypegua	Sobre animais aquáticos
7	Marandeko mymba ka'aguy rehegua	Lembrete sobre animais do mato
8	Ta'anga jegua mymba rehegua	Produção de desenho e pintura sobre animais
9	Pohã osẽva mymbagui	Remédios que se produz de animais
10	Jehaiipy ñe'ẽ puku	Produção textual

11	Máva ikatu oiporu pohã Kyra	• Quem pode utilizar gordura de animais para remédios
12	Mba'éicha ikatu ojejapo	• Como se faz
13	Je'upy kokue pegua	• Produto alimentício da roça
14	Mba'éichagua temitỹ oi kokuépe	• Que tipo de plantação há na roça
15	Temitỹ kuéra réra	• Nomes de plantação da roça
16	Ñemongeta temitỹ rendagua	• Fala e escuta sobre plantio

Fonte: elaborado pelo autor

Nas turmas do 8º ano, em seu quarto bimestre, deu-se mais ênfase à leitura e à produção de texto, considerando os conhecimentos tradicionais. Foram abordadas também atividades de fala e escuta, sobretudo em relação à temática *kokue* “roça”. Na prática de leitura destaca-se a leitura de nomes de animais que se consome, leitura individual sobre animais do mato, animais aquáticos e produção textual de quem pode utilizar gordura de animais para remédio. E, na prática de escrita, desenvolveu-se a produção de textos sobre animais que se podem consumir, abordando receita de remédios dos animais e como se faz. O que está ausente nessa turma são atividades de reflexão linguística, estudos acerca da língua em si, que não foram contemplados nos conteúdos descritos.

Quadro 26 - Conteúdo de língua materna para o 9º Ano – 4º Bimestre

Curso: Ensino Fundamental Ano Finais

Turma: A, C, D, E

Série: 9º

Turno: Matutino/Vespertino

Bimestre: 4º

Disciplina: Língua Materna – Guarani – Área integradora

Ano Letivo: 2023

Aulas dadas: 20

Nº	Conteúdo	Tradução
1	Yvytu hatã áry	• Época de ventania
2	Ára yvyra rakangue ryapu	• Época de folhagem seca
3	Ka'ávo roky pyahu ára	• Época de folhagem nova
4	Pira ojupi ysyry yvategotyo	• Época de subida de peixe ao rio acima
5	Ára yvy timbó	• Época de poeira
6	Ára ryapu osẽ haguã mymba kuéra	• Época de trovão para saída de animais
7	Mba'éichagua mymba oiko pe ára pe	• Que tipo de animais vive nessa época

8	Mba'e ojehu pe ára yvy timpope	• O que acontece na época da poeira
9	Áry ñemyatyro mbyky	• Mudança climática repentina
10	Mba'e ojehu pe árype guyra kuérare	• O que acontece com os pássaros nessa época
11	Ára ro'y	• Época de frio
12	Mba'e mba'asy ogueru pe ára yvytimbo	• Que tipo de doenças traz a época de poeira
13	Mba'e ikatu ojejapo pe árape	• O que se pode fazer nessa época
14	Mba'e jasype oiko ára ro'y	• Em que mês se tem o frio
15	Ehai mymba oikóva oñe'ẽ ára ro'ype	• Escreva animais que cantam na época de frio
16	Mba'asy ogueruva pe ára ro'ype	• Tipo de doenças que trazem na época do frio
17	Eporandu ne pehegue kuérape mba'e ogueru pe ára kuéra mbohapy gua	• Pesquisa com a família o que se traz durante essas três épocas
18	Ejapo ta'anga ára haku, ára yvytimbo ha ára ro'y rehegua ha eombojagua	• Produção de desenho e pintura representando dia de calor, época da poeira e tempo de frio
19	Jasy réra kuéra ñe'ëndype	• Nome dos meses
20	Ejapo jaipapaha réra kuéra	• Faça nomes dos números

Fonte: elaborado pelo autor

Durante o quarto bimestre, nas turmas de 9º ano (A, C, D, E), destaca-se o trabalho de conhecimentos tradicionais relacionados à época de ventania, à época de folhagem seca, à época de subida de peixe ao rio acima, à época de poeira e à época de trovão para saída de animais. A competência oral gira em torno da fala e escuta dos conteúdos trabalhados. Já a prática da escrita se dá através de pesquisa com a família sobre o que se traz durante essas três épocas. Pratica-se também a escrita ao produzir textos sobre os tipos de animais aparecem na época da poeira, o que acontece nessa época, além de mudanças climáticas e tipos de doença. O estudo linguístico ocorre com o ensino do vocabulário referente ao nome dos meses do ano, nome dos números e o nome dos animais que cantam na época de frio.

Quadro 27 - Conteúdo de língua materna para o 9º Ano – 4º Bimestre

Curso: Ensino Fundamental Anos Finais Turma: B Série: 9º Turno: Matutino Bimestre: 4º Disciplina: Língua Materna – Guarani – Área integradora Ano Letivo: 2023 Aulas dadas: 18		
Nº	Conteúdo	Tradução
1	Ñembysarai	• Gincana e brincadeiras
2	Ñembysarai	• Gincana e brincadeiras
3	Puso (')	• Uso da aspas simples na escrita
4	Puso (')	• Uso da aspas simples na escrita
5	Téra/tero	• Substantivos
6	Téra/tero	• Substantivos
7	Teroteĩ	• Substantivos Simples
8	Teroteĩ	• Substantivos Simples
9	Terajoaju	• Substantivos compostos
10	Terajoaju	• Substantivos compostos
11	Tero hete jekuaava	• Substantivos concretos
12	Tero hete jekuaava	• Substantivos concretos
13	Téra hete jekuaae'yva	• Substantivos abstratos
14	Téra hete jekuaae'yva	• Substantivos abstratos
15	Terotee/teratee	• Substantivos próprios
16	Terotee/teratee	• Substantivos próprios
17	Terotee'yva/teratee'yva	• Substantivos comuns
18	Terotee'yva/teratee'yva	• Substantivos comuns

Fonte: elaborado pelo autor

Como pode ser visto no quadro 27, o 9º ano B teve um quarto bimestre completamente distinto do das outras turmas, já que o foco das aulas foi o estudo de uma classe gramatical: o substantivo, com base, sobretudo, nos conhecimentos de substantivos a partir da gramática da língua portuguesa, pois nela ocorre a divisão entre substantivos simples, compostos, concretos, abstratos, comuns e próprios. Nota-se uma tentativa de explicar os substantivos em Guarani por meio de um conhecimento da língua portuguesa, no que está registrado em gramáticas normativas tradicionais. Talvez também seja um ensino pautado em gramáticas do Guarani Paraguaio, onde o estudo se pauta

muito no modelo de gramáticas normativas do espanhol. Enfim, verifica-se um desequilíbrio no ensino do 9º ano devido à escolha dos conteúdos.

Nessa turma não há registros de práticas de leitura, reflexões linguísticas da própria língua, nem se destacou durante os registros de conteúdos a prática de oralidade, porém deve ocorrer durante a fala e a escuta entre professor e estudantes e pouco trabalhos de competências comunicativas.

Ao analisar os conteúdos trabalhados nos anos finais do Ensino Fundamental durante o ano letivo de 2023, constata-se, a partir da prática de ensino e do protagonismo de professores indígenas da área em que o trabalho de campo foi realizado, para se ter condições de notar a realidade do ensino como um todo, refletindo apenas a seleção de conteúdo e o desenvolvimento de competências comunicativas na língua materna, além dos estudos linguísticos nesse nível de ensino, que os professores indígenas têm se esforçado para planejar aulas que contemplem, em primeiro lugar, a transmissão de conhecimentos tradicionais. Nota-se que o foco principal da disciplina é aproveitar o tempo para apresentar conhecimentos próprios da cultura, relacionados à natureza, de modo geral. Para tanto, busca-se desenvolver atividades de leitura, escrita e oralidade. É o desenvolvimento de habilidades comunicativas através da prática, sem reflexões teóricas sobre leitura, escrita e oralidade.

Verifica-se, por exemplo, que não há momentos de revisão, reescrita, aulas sobre características dos gêneros textuais propostos como produção textual. O foco, na escrita, é aprender a registrar os conhecimentos tradicionais. O foco, na leitura, é praticar a leitura de conhecimentos tradicionais. Dessa forma, o ensino de língua materna na escola indígena pesquisada foge ao padrão de ensino da língua portuguesa em escolas não indígenas e busca, a partir da autonomia, construir um currículo próprio com base em suas próprias demandas. Caberá aos professores indígenas, aos estudantes, à comunidade indígena como um todo, avaliar as práticas de ensino de língua materna e a necessidade de transformá-la, ao longo do tempo, considerando os seus próprios objetivos.

Diante disso, verifica-se que a realização de práticas de reflexões linguísticas não se apresenta com o mesmo nível de importância das práticas de leitura, escrita e oralidade. O pouco espaço que possui, foca no estudo de

aspectos gramaticais, de forma descontextualizada e distante das práticas de leitura, escrita e oralidade. Como se fosse algo que não pudesse contribuir com o desenvolvimento das habilidades comunicativas requeridas. Verifica-se ainda uma ausência de discussões sobre a realidade sociolinguística da comunidade, variações linguísticas, contato linguístico, empréstimos linguísticos e diferenças linguísticas entre o Guarani e o Kaiowá. Parece que, no estágio em que se encontra a construção curricular, não houve ainda necessidades de inserção de momentos de reflexões linguísticas em sala de aula.

Martins e Knapp (2016, p. 53) defendem que o desenvolvimento e o aprimoramento da oralidade e da escrita em escolas indígenas Guarani e kaiowá seja um dos papéis mais importante de uma escola indígena que se considera diferenciada, específica, intercultural, bilíngue, autônoma e de qualidade. É preciso que os estudantes durante a sua permanência na escola saibam ler, escrever, falar e entender, pois são essenciais como escola que se considera diferenciada. Ou autores consideram que o aprimoramento dessas competências comunicativas (nas modalidades oral e escrita) precisa ser feito de forma que permita o desenvolvimento e a manutenção de habilidades bilíngues, considerando a realidade indígena.

Mas, para isso, é importante partir de uma metodologia que possibilita um desenvolvimento contínuo e progressivo das competências e habilidades linguísticas que fazem da realidade do aluno indígena Guarani e Kaiowá (Martins e Knapp, 2016, p. 55). É necessário verificar, nesse sentido, se a metodologia adotada pelos professores de ensino de língua materna tem dado conta do desenvolvimento das habilidades comunicativas ou se os alunos permanecem estacionados em algum nível, no que diz respeito ao letramento indígena.

Nota-se, no registro dos conteúdos, uma sistemática repetição de práticas de ensino. Talvez, seja importante investir em formação continuada que invista em práticas metodológicas de ensino de língua materna, além de produção de materiais didáticos que auxiliem o professor em seu trabalho em sala de aula.

3.2 Observação de aulas de ensino de língua materna em cada ano

Para a realização da pesquisa de campo na Escola Municipal Indígena Ñadejára Pólo, com turmas dos anos finais do Ensino Fundamental, foi

apresentado formalmente à direção escolar o título do projeto, os objetivos e a metodologia do projeto de pesquisa proposto. Diante da questão burocrática, foi necessária uma carta de apresentação elaborado pelo orientador para a Secretaria de Educação Cultura e Esporte na qual constava o desenvolvimento da pesquisa, que seria realizado um trabalho de campo, de cunho etnográfico na escola. Procurou-se destacar que o objetivo do estudo era promover uma reflexão sobre o ensino da língua materna em Te'ýikue, no sentido de buscar meios para que o espaço escolar, seja cada vez mais, mais bem aproveitado para a política de valorização e fortalecimento da língua, para uma compreensão da realidade sociolinguística da área e do funcionamento da língua, considerando suas variações e a coexistência de línguas irmãs no mesmo ambiente (Guarani e Kaiowá).

Com a autorização da secretaria de educação assinada, foi encaminhada à direção escolar, juntamente com uma carta de apresentação, o projeto de pesquisa anexado. A direção também comunicou ao coordenador pedagógico que acompanha os professores regentes da área de Linguagens e que lecionam a Língua Guarani da minha inserção como pesquisador no ambiente escolar. Informou que eu observaria as aulas de Língua Guarani durante o ano letivo.

Mas antes de ir para a sala de aula, tive diálogo com os três regentes, apresentando o projeto de pesquisa, formalmente, onde cada um deles já me apresentou o seu plano de aula para cada turma e que conteúdos estariam desenvolvendo. Eles também me informaram os horários de aulas. O diálogo entre professor e pesquisador foi espontâneo, conversamos como seria essa observação em sala de aula. Durante o acompanhamento dos docentes indígenas, as estratégias pedagógicas utilizadas, ou seja, as dinâmicas dos docentes para a aprendizagem dos alunos, são a revisão de atividades anteriores, autoavaliação dos estudantes, o que querem aprender e o que esperam do ensino de língua materna guarani e kaiowá, interagindo entre docente e estudantes para decidir como serão avaliados, considerando frequência e criatividade. Com isso, o docente, introduzindo o eixo temático a ser desenvolvido com as respectivas turmas, explica aos estudantes na língua materna que o docente domina. Os discentes interagem, transmitindo e

trocando conhecimento entre alunos e professor em sala de aula. Como pesquisador, informei também que precisaria realizar registros no caderno de campo de momentos que considerasse importante. Também, durante a conversa, percebi que a reação de alguns era de insegurança, talvez por ser eu coordenador pedagógico e pesquisador vinculado a um Programa de Pós-graduação, na qualidade de estudante. Mas, durante a conversa com os docentes, foram se tranquilizando, pois o meu papel como pesquisador era simplesmente observar e escrever a maneira com que eles trabalham os conteúdos dados e que a minha presença durante a observação não iria atrapalhar em sala de aula, pois não tinha a intenção de intervir no processo de ensino adotado. Dessa forma, aceitaram sem receio que eu me fizesse presente em sala de aula nos dois primeiros bimestres letivos.

A observação em sala de aula ocorreu durante os meses de fevereiro, março e abril, no ano letivo de 2023, com 54 dias letivos de observação, nas três turmas de 6º ano, com 199 estudantes matriculados; duas de 7º ano, com total de 147 estudantes matriculados; duas de 8º ano, com 120 estudantes matriculados; e três de 9º ano, com total de 137 estudantes matriculados, no período matutino. No período vespertino também tive a oportunidade de realizar observações no mesmo número de turmas. No total, foram observadas 20 turmas, 603 estudantes matriculados, de acordo com o relatório de alunos matriculados no ano letivo de 2023.

Durante a observação das aulas dos professores regentes que lecionam a disciplina de Língua Guarani, foi utilizado um caderno para que pudesse ser registrado o desenvolvimento das aulas. Trata-se de relatos que revelam o cotidiano do ensino de língua materna na escola. Procurei registrar como é realizado o ensino, que conteúdos foram efetivamente ministrados, como são feitas as avaliações e como os alunos reagem a essa disciplina.

Além de observar as aulas de professores regentes, também foram observadas as aulas ministradas por um estudante estagiário do *Teko Arandu* da área de Linguagens. Na ocasião, acompanhei a aula do estagiário. Notei que a ênfase foi dada em práticas de leitura e produção de textos em língua materna. Cheguei a ter acesso às produções textuais dos estudantes. Minha avaliação foi a de que os textos estavam bem escritos, mas era necessário

trabalhar melhor a organização dos textos, a construção de parágrafos, além de questões relacionadas à convenção de escrita, como a marcação de acento gráfico.

No primeiro bimestre, nas turmas de 6º Ano, os temas geradores escolhido pelos professores foi a Biodiversidade, Sustentabilidade, Organização Social, Territorial e Econômica, e o subtema foi *pehengue* (Organização Familiar).

Do ponto de vista da oralidade, são realizados diálogos com os estudantes relacionados aos temas, seguido de leitura, compreensão e interpretação textual. As leituras servem também para a transmissão de conhecimentos.

Com relação à escrita, cópias do quadro são muito recorrentes. É estimulada a produção textual pelo próprio aluno e se fazem análises linguísticas nas aulas, sobretudo do vocabulário. Estas são as informações verificadas observando as aulas do professor.

Para a turmas do 7º ano foi trabalhado no primeiro bimestre o subtema *kokue* (roça). As atividades de práticas orais envolviam a leitura individual de textos produzidos pelos próprios alunos, seguidas de compreensão e interpretação textual. Muito recorrente nas aulas era a prática do diálogo.

Com relação à escrita, notei a preocupação do professor com a prática de produção textual, desde frases a textos mais longos, seguidas de análises linguísticas, sobretudo com respeito ao uso de verbos na língua.

O professor incentivava também a pesquisa de campo, a consulta aos mais velhos acerca dos conhecimentos tradicionais. Além disso, trabalhos de tradução eram bastante produtivos. Uma forma de exercitar a capacidade bilíngue dos estudantes.

Para as turmas de 8º ano, o subtema gerador foi *Temity* (semente). Por meio dele produções textuais foram produzidas. Havia práticas de leitura individual, além de atividades de compreensão e interpretação de texto. Muito comum em todas as turmas, independente do ano, eram as atividades de desenho e pintura, que ajudava a fixar melhor o conteúdo de conhecimentos tradicionais a partir de imagens, como uma forma de avaliar a compreensão

dos alunos, estimulando a criatividade contribuindo para o processo de aprendizagem dos alunos em diferentes áreas de conhecimento integradas ao currículo escolar. Assim como em outros anos, no 8º ano se praticou também a tradução do conhecimento tradicional para a língua portuguesa. Foram produzidos estudos gramaticais, envolvendo o estudo de verbos e pronomes, por exemplo. Não faltavam também atividades de cópias de textos.

Nas turmas do 9º ano, o subtema abordado foi Pohã Ñana (remédios tradicionais). A partir dele foram realizadas atividades de produção textual, de tradução de remédios tradicionais, pesquisas de campo, compreensão e interpretação textual. Em termos de leitura, seguiu-se o método de leitura individual, sobretudo de receitas tradicionais.

A escrita também priorizou os exercícios de cópias do quadro e produção textual dos próprios alunos, como receitas de remédios tradicionais. Em termos de reflexões linguísticas, buscou-se a compreensão de expressões que remetem à ideia de tempo e espaço (advérbios), bem como do uso das posposições na língua.

Foi possível verificar que o papel da disciplina de língua materna nos anos finais do ensino fundamental é o de focar na transmissão de conhecimentos e práticas culturais. Usa-se a língua materna para explorar aspectos culturais e tradicionais que estão se perdendo e que precisam ser fortalecidos, como é o caso da roça, da família, dos remédios e alimentação tradicionais. A disciplina é, portanto, um momento de fortalecer conhecimentos tradicionais por meio da própria língua.

Desse modo, compreende-se que está havendo o cumprimento de um objetivo importante, conforme a legislação e ao PPP da escola, que é a valorização dos conhecimentos tradicionais por meio da própria língua. Durante a observação nota-se que a transmissão de conhecimentos tradicionais na própria língua está relacionada à cultura, mas há momentos para reflexões linguísticas, que ocorrem durante a aula, sobretudo devido à influência da língua portuguesa na fala e na escrita dos estudantes.

O que não foi visto durante a observação é a problematização no ensino da língua acerca da variação e das mudanças linguísticas. Não parece

que seja uma preocupação da escola refletir sobre contatos linguísticos, suas causas e consequências e da existência da língua kaiowá e do Ñandeva e até do Guarani Paraguaio no mesmo ambiente. Na Te'yikue não se fala uma língua apenas, mas parece que a escola adotou a ideia de que só existe uma língua com variações dialetais que não se tornaram alvo de discussões em aula.

3.3 Entrevista com os professores

Para saber sobre os principais desafios para o avanço da qualidade de ensino de língua materna na Escola Municipal Indígena Ñandejára Pólo, foram realizadas também entrevistas com os professores responsáveis pela disciplina de Língua Guarani. Foram entrevistados três docentes, dois da etnia Kaiowá e um que se considera Guarani/Kaiowá. Um deles atua há 18 anos no ensino e há oito leciona a disciplina de Língua Materna Guarani nas turmas de 6º ao 9º ano, com formação no magistério específico Ára Vera e na área de Habilitação em Linguagens da Licenciatura Intercultural Indígena – Teko Arandu da UFGD.

O segundo entrevistado possui apenas formação de magistério específico Ára Vera. Está cursando o Teko Arandu. Atua como professor de Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental I, mas no ano letivo de 2023 ministrou a disciplina de Língua Portuguesa e a disciplina de Língua Materna Guarani para o 9º ano. Trabalha há seis meses. O terceiro entrevistado atua há três meses no ensino de língua materna para o 6º ano. É estudante da área de Linguagens do Teko Arandu.

As entrevistas com professores ocorreram de forma bilíngue, não foi inserida nenhuma transcrição da fala deles, pois preferi escrever o que compreendi das entrevistas que ocorreram durante as horas atividades de cada docente, de forma individual. Foram realizadas no segundo bimestre com cada um lotado em suas respectivas turmas de sexto ao nono ano. Para isso foram elaboradas as seguintes perguntas:

- 1) A que etnia pertence?
- 2) Qual é a sua língua materna?

- 3) Há quanto tempo trabalha com o ensino?
- 4) A língua guarani e a língua kaiowá são a mesma língua ou são línguas diferentes?
- 5) Como é escolhido o conteúdo de ensino?
- 6) Quando tem guarani e kaiowá em sala, como é feito? O que se ensina ocorre de formas diferentes nas duas línguas?
- 7) Nota-se preconceito linguístico entre os alunos?
- 8) Quais as maiores dificuldades para se ensinar a língua materna hoje?
- 9) Qual a sua formação?
- 10) O que poderia ser ensinado, mas que ainda não foi possível ensinar?

Os docentes entrevistados são indígenas, residentes na Reserva Indígena Teyíkue. Eles notam a diferença na fala entre Guarani e Kaiowá e compreendem que se trata de línguas diferentes, embora extremamente semelhantes. Com relação ao conteúdo, afirmam que são escolhidos a depender do tema gerador anual, o que torna o currículo bastante flexível. Isso distingue o modelo curricular da escola indígena para a escola não indígena, onde o currículo tende a ser engessado e previsível.

Para o planejamento das aulas de ensino de língua materna, alguns docentes buscam ajuda de outras pessoas com maior experiência, além de terem o auxílio dos coordenadores, que acompanham os que lecionam nas turmas de 6º ao 9º ano. Mas também realizam consultas em materiais disponíveis e acessíveis, tais como o dicionário bilíngue Guarani-Português/Português-Guarani, elaborado por Assis (2008) e estudos gramaticais do Guarani Paraguaio como, por exemplo, Canese e Alcaraz (2007), Melià (1997, 2006), Guasch (1996), entre outros. Nesse caso, há um esforço para adaptar o conteúdo à realidade de ensino de língua materna na escola, uma vez que o Guarani Paraguaio, embora muito semelhante, distingue-se do Kaiowá e também do Guarani.

Os docentes afirmaram ainda que, quando há estudantes guarani e kaiowá na sala, o ensino ocorre em uma língua apenas, naquela que é de domínio do próprio professor. A distinção, nesse sentido, é reforçada na liberdade de escrita, enfatizando diferenças apenas no nível fonológico. Assim, os Kaiowá mais tradicionais escrevem ko'ápy, pois pronunciam

[ko'ʔapi] “aqui”, enquanto que os Guarani e os Kaiowá mais jovens escrevem ko'ape, já que pronunciam [ko'ʔape] “aqui”.

Os docentes entrevistados mencionaram a existência de preconceito linguístico entre os alunos, mas procuram não interferir, considerando que uma língua é realmente diferente da outra. Contudo, entre os estudantes, há uma tendência a quererem corrigir a fala do outro, construindo um sentimento de que existe uma fala certa e outra errada, mas os professores concordam que cada um tem sua maneira de falar, tanto na língua Guarani quanto na língua Kaiowá. Devido às diferenças notadas entre os estudantes, a fala diferente acaba gerando risadas irônicas.

Basicamente, as dificuldades dos professores entrevistados para se ensinar a língua materna hoje, segundo informaram, é de não haver materiais da língua que refletem a realidade linguística da escola. Faltam suportes como gramáticas pedagógicas e livros didáticos. Para suprir a ausência, buscam na internet matérias do Guarani Paraguaio para ensinar, como já mencionado anteriormente.

De acordo com os docentes entrevistados, ainda não foi possível ensinar o que poderia ser ensinado. É importante o desenvolvimento de pesquisas acerca dos processos de mudança e variação linguística, assim como a produção de materiais que explicitam as regras de funcionamento das línguas e destaquem as suas diferenças.

3.4 Entrevista com os alunos

A entrevista com estudantes guarani e kaiowá matriculados no ano letivo de 2023 na Escola Municipal Indígena Ñandejára Pólo, localizada no centro da Reserva Indígena Te'yíkue, aconteceu na metade do segundo bimestre, no mês de junho, no dia 10. Antes das entrevistas com os estudantes, teve um diálogo com a professora, avisando que teria entrevistas com os estudantes de cada turma, porém, por termos 20 turmas, com aproximadamente 35 estudantes em cada uma delas, foram convidados dois de cada turma para serem entrevistados.

As entrevistas aconteceram de forma bilíngue fora da sala de aula, no pátio da escola, embaixo de árvores, por não haver sala disponível. No entanto, antes de realizar as perguntas aos estudantes, houve diálogos entre eles, explicando qual o motivo da pesquisa e, assim, foram surgindo as conversas, com maior segurança, para poderem expor suas ideias. Em todas as salas que passei como pesquisador, notei que todos queriam participar das entrevistas. Registrei aqui apenas o que compreendi da entrevista. As respostas dadas por eles eram anotadas em meu caderno de campo.

No total, foram 20 estudantes entrevistados no período matutino, sendo dois alunos de cada uma das seguintes turmas: 6º ano (turmas A, B e C), 7º ano (turmas A e B), 8º ano (A e B) e 9º ano (A, B e C). Os estudantes foram escolhidos por seus professores. Entre os 20 estudantes, 11 se identificam como pertencentes à etnia Kaiowá, 5 à etnia Guarani Ñandéva e 4 se consideram Guarani/Kaiowá, uma vez que são frutos de casamentos interétnicos, com pais Guarani e mães Kaiowá e vice versa.

No período vespertino participaram também representantes das dez turmas: 6º ano (turmas D, E e F), 7º ano (turmas C, D e E), 8º ano (turmas C e D) e 9º ano (turmas D e E). Assim como correu no período matutino, no vespertino foram convidados dois estudantes de cada turma, com o total de 20 estudantes, sendo 15 da etnia Kaiowá, 3 da etnia Guarani Ñandéva e 2 Guarani/Kaiowá.

A idade dos entrevistados varia entre 12 e 17 anos, são falantes nativos de suas respectivas línguas. Esses estudantes se deslocam das seguintes regiões internas à Reserva: Região Mbokajá, Região Saverá, Região Mbopei, Região Yvu, Centro Ñandejára, Região Missão, Região Jakaira, Região Sanga Pytã e da Retomada Ñandéva, utilizando transporte escolar dos quatros cantos da aldeia.

As perguntas elaboradas para a entrevista foram as seguintes:

- 1) A qual etnia pertence, Guarani ou Kaiowá?
- 2) Qual a sua língua materna, Guarani ou Kaiowá?
- 3) Nota alguma diferença na fala do Guarani em relação ao Kaiowá?
- 4) Se sim, que tipo de diferença é notada?

- 5) Qual a sua opinião sobre o ensino de língua materna na escola?
- 6) É importante ou não o ensino da língua materna?
- 7) O que gostaria de aprender em respeito à sua própria língua?
- 8) O que tem aprendido em respeito à sua própria língua?
- 9) O que acham das aulas de língua materna?
- 10) Já sofreu alguma espécie de preconceito com relação ao modo de falar?

Os alunos Kaiowá consideraram como língua materna a língua Kaiowá; enquanto os Guarani, a língua materna é o Guarani. Os que são frutos de casamento interétnico, assumiram ter domínio de uma variedade linguística fruto da mistura entre a fala do pai e a fala da mãe. Dessa forma, foi rotulada como língua materna a língua Guarani-Kaiowá.

Os estudantes afirmaram que conseguem notar algumas diferenças na fala dos indígenas da etnia Guarani em relação à fala dos Kaiowá, seja através da comunicação do Guarani e Kaiowá entre os colegas, seja através do próprio jeito de ser. Nota-se, por exemplo, o uso de palavras distintas para se referir a uma mesma coisa. O Guarani Ñandéva fala *ke'e* “sério!” por exemplo, já os Kaiowá falam *haiko* “*Eita!*”. Na fala dos estudantes da etnia guarani usa-se muito a palavra “*ke'eti*” “*fala sério*”, como se não acreditasse na fala de outro, porém o kaiowá fala “*haiko, anichene*” que fica surpreso na fala de outro.⁵

Diferenças também são notadas no uso dos sons nasais pelos Guarani como, por exemplo, *narãka* [nã'rãka] (laranja), enquanto que os Kaiowá falam [na'rãka]. Além de diferenças linguísticas, os estudantes também notam diferenças na aparência física: enquanto o guarani tem a pele mais clara, os Kaiowá possuem a pele mais escura. Comportam-se de forma diferente também, pois os Kaiowá costumam serem mais quietos, enquanto os Guarani são mais extrovertidos. Nesse caso, verifica-se que os estudantes notam diferenças mais culturais que linguísticas.

Na opinião deles, sobre o ensino de língua materna na escola, seria necessário fortalecer a língua e a cultura, de modo que possam compreender melhor as variações linguísticas, praticar a língua mais conservadora no lugar

⁵ Interjeições que expressam surpresa.

da língua portuguesa, que vem substituindo a língua Guarani. Ressaltam também que precisam aprender a se comunicar melhor, a escreverem bem na língua materna, para não acabar perdendo o prestígio da língua e não ter que usar muitos empréstimos na fala. A maioria dos entrevistados consideram muito importante o ensino de língua na escola.

Sobre o que gostariam de aprender nas aulas de língua materna, informaram o desejo de aprender histórias, receitas de remédios e outros aspectos culturais, conhecer mais o prestígio da própria língua nativa e produzir bem textos escritos na língua materna. Sentem a necessidade de buscar conhecer as palavras antigas (*ñe'ẽ tee*) para poder usar as palavras ao escrever e para pesquisar com os mais velhos a fala deles e compará-la com a fala dos jovens atuais.

Outros demonstraram interesse em aprender cantos, guachire e comidas típicas, como forma de também fortalecer a língua materna. Sobre o que têm aprendido na língua materna, os estudantes entrevistados disseram que são muitas coisas, tais como remédios tradicionais, fazer relatórios, fazer receitas de remédios, praticar a leitura, entender a organização familiar, além de pensarem sobre a questão da tradução do guarani para o português e vice versa. Outros afirmaram aprender palavras novas na língua Kaiowá, como *amoite* “*Lá*”, *nokoina* “*Aqui*”, *gueno* “*Está Bom*”, *nei* “*Certo*” e buscaram a conhecer mais a língua falada do Guarani para que as duas línguas tenham prestígios.

Todos os entrevistados consideram as aulas muito boas, pois acham importante aprender a própria língua. Para eles, são boas as dinâmicas adotadas pelos docentes: praticar cada vez mais e pesquisar como é a língua atual comparando com a língua falada pelos mais velhos para não ser extinta.

Com relação a preconceitos linguísticos, disseram que é muito comum passarem por situações constrangedoras. Os Kaiowá rotulam a língua dos Guarani de *Guarani'i* (*Guarani-’i*). O sufixo *-’i* é a marca do atenuativo, conforme Viegas (2017) e Carvalho (2018). É usado de forma semelhante ao uso do sufixo diminutivo em português (-inho) e, entre os Kaiowá, alcança não apenas o significado de tamanho (pequeno), mas também possui um sentido

pejorativo em determinados contextos. Com esse sentido pejorativo é que fazem, muitas vezes, referência à fala dos Guarani, como se fosse um “guaranizinho”.

Os Kaiowá também apresentaram situações que caracterizam uma espécie de preconceito linguístico. O uso da fala mais conservadora, rotulada por eles de “tradicional”, que não é usada pelos Guarani, gera constrangimento. Isso se dá, de forma mais clara, na escolha de itens lexicais. Um exemplo disso é a palavra interrogativa *kiva’e* “que?” ou “como?”, muito comum entre os Kaiowá e não faz parte do repertório lexical dos Guarani. Em situações como esta, usam *mba’e pa* (que?) ou *mba’éichapa* (como?). Situações como estas geram uma tentativa de menosprezar a própria língua do outro ou o próprio modo de falar do outro. Seria necessário usar o espaço do ensino da língua materna para propiciar uma reflexão sobre as diferenças interlinguísticas, o que ajudaria na promoção do respeito e da valorização das línguas presentes na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa busquei descrever a realidade do ensino da língua materna a partir dos conteúdos ministrados pelos professores indígenas, considerando que o currículo da língua se encontra ainda em construção e ele é elaborado a partir do protagonismo indígena, com reflexo em sua formação específica e diferenciada. Foi possível verificar que o currículo não é imposto, de fora para dentro da escola indígena, como nas escolas não indígenas, mas construído pelos próprios professores responsáveis pela disciplina, amparado na legislação que versa sobre a Educação Escolar Indígena e com base em sua formação e na própria experiência como docente. Porém sempre buscando o material que norteiam para o seu ensino, seja através da internet e materiais da língua paraguaia, adaptando para poder ensinar a língua materna.

Foi possível verificar também que os professores de ensino de língua materna demonstram uma grande preocupação em transmitir os conhecimentos tradicionais em suas aulas. Estimulam também os alunos a pesquisarem com os mais velhos sobre assuntos referentes à cultura tradicional. Isso faz com que a língua materna ganhe palco nas discussões e nas transmissões de conhecimento, fortalecendo a língua e a cultura.

Durante a pesquisa procurei também me apoiar na minha própria trajetória como professor indígena e na construção da minha experiência. Diante disso, me instiguei a pesquisar e me aprofundar mais, sobretudo, no processo de ensino da língua pelos/as professores/as da área e como que eles/as executam isso em sala de aula. Embora tenha focado a pesquisa nos conteúdos, de forma a sistematizar o currículo que está sendo construído, em pesquisas futuras desejo me aprofundar na discussão acerca dos procedimentos de ensino adotados pelos docentes. A maior contribuição deste trabalho, talvez, seja “abrir a caixa preta”, tornar conhecido o que tem sido trabalhado no ensino da língua da língua materna nos anos finais do ensino fundamental da Ñandejára Pólo. Isso não só ajudará a escola a avançar nas discussões sobre o ensino da língua, como também possibilitará professores de outras áreas Guaraní e Kaiowá a aproveitar a experiência dos

professores da Reserva Indígena Te'ýikue, responsáveis pelo ensino de língua materna.

Destaca-se que, até o presente momento, não tínhamos um desenho sistematizado do que se ensina, em termos de conteúdo, na disciplina de língua materna – Guarani – nos anos finais do ensino fundamental. Agora conseguimos visualizar isso de forma mais clara, o que permitirá o aprofundamento das discussões sobre o papel da disciplina de Língua Indígena nas escolas Guarani e Kaiowá do cone sul de Mato Grosso do Sul.

Ao longo da dissertação, discuti sobre as transformações que ocorreram nesses 100 anos da Reserva Te'ýikue: paisagens, cultura, número de população, localização geográfica, práticas culturais, no âmbito econômico, e a língua materna (Kaiowá e Guarani) que também passou por mudanças ao longo desse tempo, pois os indígenas da comunidade Te'ýikue tiveram acesso ao mundo não indígena, mesmo que algumas famílias da comunidade tentaram resistir à língua dominante, mas não tiveram condições necessárias para resistir, porque precisavam ter acesso à língua dos “outros”, que, no caso, é a língua portuguesa, para ampliação da resistência e ter visibilidade social.

Em relação à existência e à força da língua materna (Kaiowá e Guarani), pode se notar nas principais regiões (Sakã Pytã, Mbokaja, Missão, Jakaira, Mbopéi, Centro-Ñandejara, Ivu e Savera) que as famílias se organizam tradicionalmente e, conforme a pesquisa aponta, no dia a dia as famílias se comunicam na língua materna. Essa comunicação se amplia além da família, por exemplo, no espaço da igreja, nas reuniões da comunidade, no cotidiano entres as etnias irmãs.

Como foi supracitado, a prática da língua materna tem seus horizontes mais ampliados e chega ao ambiente escolar, nesse espaço, como a pesquisa conclui, os alunos se comunicam diariamente na língua materna, recriando *ñe'ẽ pyahu* “palavras novas”, dialeto subversivo tradicional.

A garantia de fortalecimento e aprendizagem no âmbito da educação escolar só foi possível através das lutas das lideranças locais, da comunidade, de alguns professores que iniciaram essa luta desde 1997 (BATISTA, 2005;

BENITES, 2014). Nesse sentido, foi estabelecido no Projeto Político Pedagógico da Escola (PPP) que o ensino da língua materna se iniciaria desde pré-escolar até nos anos finais (9ºano) do Ensino Fundamental. Fica claro nesta dissertação que isso tem sido cumprido.

Foi observado durante a pesquisa de observação em sala de aula, e que contempla também os documentos analisados do diário de classe que os professores trabalham os conteúdos, mas por outro lado não contemplam as questões de contato linguístico entre os Guarani e Kaiowá e os resultados desse contato. Tão pouco ainda conseguem estabelecer comparações entre o Guarani Ñandéva, O Kaiowá e o Guarani Paraguaio, línguas irmãs e fortemente semelhantes. É tímida ainda a discussão sobre variação linguística e a mudança linguística, mas tem avançado nas reflexões sobre o contato com a língua portuguesa e seus efeitos na língua materna, pelo menos, no que diz respeito ao léxico. Destaca-se que isso ocorre porque somente nos últimos anos passamos a ter maior consciência da realidade multilíngue das áreas Guarani e Kaiowá.

O presente estudo conclui em parte que os professores precisam ampliar o status da língua para além do muro escolar, isto é, produzir mais materiais para influenciar mais a leitura e fortalecer a língua. Por outro lado, para que os alunos possam ter acesso a eles e cada vez mais ter mais sentido de força de igualdade com a língua portuguesa, não se trata de uma tarefa exclusiva do professor de língua materna. É necessário um trabalho de políticas linguísticas mais consistente.

O estudo também aponta que a língua materna precisa estar exposta, sendo o principal cenário em todo ambiente escolar. Para que isso seja possível, foram elaborados questionários para ser pesquisado sobre a aprendizagem da língua materna do que os estudantes gostariam de aprender. Conforme as respostas dos alunos, a pesquisa direciona que eles/as querem aprender muito sobre a língua do *yma guare* (língua dos tempos antigos).

Conforme as afirmações dos discentes, fiz também reflexões acerca do planejamento coletivo que ocorre no início do ano letivo, na ocasião se reúnem os professores desde os anos iniciais e anos finais. De acordo com os

professores com os quais conversei, o planejamento coletivo é muito importante para se trabalhar a realidade da comunidade, incluindo o mundo ocidental. A partir da escolha de temas geradores a escola vai atendendo a demanda da comunidade e preparando-a para conviver entre os dois mundos (no caso *ava reko* “jeito de ser indígena” e *karai reko* “jeito de ser não indígena”). Nesse sentido, no planejamento de cada professor precisa estar os conteúdos de acordo com os anos que vão lecionar e contextualizar, a fim de conscientizar os estudantes sobre saberes culturais e ocidentais, ao mesmo tempo ampliar os conhecimentos dos estudantes.

Em relação a análise no sistema (conhecido como diário digital) da área da língua materna guarani, percebi que os conteúdos são registrados de forma bilíngue, mas com predomínio de Língua materna.

Através desta pesquisa, pretendo ajudar os docentes que lecionam a língua materna Guarani na escola indígena e, por outro lado, possibilitar reflexões acerca da elaboração dos materiais didáticos, no fortalecimento da língua e, por fim, contribuir com a formação de professores indígenas. Portanto, aprendi e amadureci o meu olhar, atuação de pesquisador, e ampliando a minha compreensão acerca das práticas de ensino e aprendizagem e no seu desenvolvimento metodológico. Espero que essa pesquisa possa contribuir com a discussão sobre a elaboração da política de valorização e fortalecimento da língua e sociolinguística da área, no funcionamento da língua, considerando suas variações e a coexistência de línguas irmãs no mesmo ambiente.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Cecy Fernandes de. **Ñe'e~ryru Avañe'e~-Portue/Portuge-Avañe'e~. Dicionário Guaraní-Português/Português-Guarani**. 2.ed. São Paulo: Edição Própria, 2008.
- BENITES, Eliel. **Oguata Pyahu (Uma nova caminhada) no Processo de Desconstrução e Construção da Aldeia Te'yikue**. Dissertação (Mestrado). 130 f. Programa de Educação da Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande: UCDB, 2014.
- BRASIL, Parecer CNE/CEB nº13/2013. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena.
- BRASIL, Parecer CNE/CP nº1, de 7 de janeiro de 2015. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores Indígenas em Curso de Educação Superior e de Ensino Médio e das outras providencias.
- BRASIL, Resolução nº5, de 22 e3 junho de 2012. Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Indígena na Educação Básica.
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CANESE, Natalia Krivoshein de; ALCARAZ, Feliciano Acosta. **Gramática Guaraní**. Asunción: Servilibro, 2007.
- CARDOSO, Valéria Faria. **Aspectos Morfossintáticos da Língua Kaiowá (Guaraní)**. Tese de Doutorado. Campinas, SP: Unicamp, 2008a.
- CARVALHO, Rosileide Barbosa de. **Análise morfológica da língua kaiowá: fundamentos para gramática e um dicionário bilingue**. Dissertação de Mestrado. Brasília: UnB, 2018.
- GUASCH, Antonio, S.J. **El idioma Guaraní**: Gramática y antologia de prosa e verso. Asunción: CEPAG, 1996.
- KNAPP, Cássio. **Educação Escolar Indígena: o ensino bilíngue e os Guaraní e Kaiowá**. Curitiba: CRV, 2020.
- LANDA, Mariano Báez. **Educação indígena e interculturalidade: um debate epistemológico**=Educación indígena e interculturalidad: un debate epistemológico y político/ Mariano Baéz Landa; Alexandre Ferraz Herbetta (org.). – bilíngue – Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2017.

- MARTINS, Andérbio Márcio S.; Knapp, Cássio. Oralidade e escrita em escolas indígenas guarani e kaiowá. Desafios e possibilidades de um ensino bilíngue. **Voces y Silencios**: Revista Latinoamericana de Educación, v. 7, 2016, p. 53-73.
- MELIÀ, Bartomeu, S.J. **El guaraní a su alcance**: un método para aprender la lengua guaraní del Paraguay. Asunción: CEPAG, 1997.
- MELIÀ, Bartomeu, S.J. **Guarani ñe'e~ paraguái**: gramática pedagógica para hablantes de guaraní. Asunción: Fé e Alegría, 2006.
- ÑANDEJÁRA-POLO. **Projeto Político Pedagógico**, Escola Municipal Indígena Ñandejara Pólo, Caarapó-MS, 2011.
- RAMIRES, Lidio Cavanha. **Processo próprio de ensino aprendizagem Kaiowá e Guarani na Escola Municipal Indígena Ñandejara Polo da Reserva Indígena Te'yikue**. Saberes Kaiowá e Guarani, Territorialidade e Sustentabilidade/Lidio Cavanha Ramires; orientação Heitor Queiroz de Medeiros – 2016. 121f. Dissertação (mestrado em educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2016.
- RODRIGUES, A.D. 1984-85. Relações internas na família lingüística Tupí-Guaraní. **Revista de Antropologia**, 27/28, 1984-85, p. 33-53. São Paulo.
- SOUZA, Teodora de. **Educação Escolar Indígena e as Políticas Públicas no Município de Dourados**, 2013.2015 p. Dissertação (Mestrado). Universidade de Católica Don Bosco – UCDB.